Kc
13278

240

A PROPHECIA

OU A EDIFICAÇÃO DO CONVENTO DE JESUS

TENTATIVA HISTORICA SETUBALENSE

POR **HENRIQUE FREIRE**

Professor pela escola normal,
Socio correspondente do Retiro Litterario Portuguez
do Rio de Janeiro

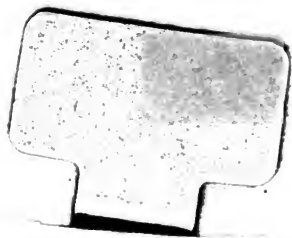
LISBOA
Imprensa de J. G. de Sousa Neves
Rua do Caldeira, 17

1864

Google

A PROPHECIA

OU A EDIFICAÇÃO

DO

CONVENTO DE JESUS

CHRONICA SETUBALENSE DO SECULO XV

POR **HENRIQUE FREIRE**

LISBOA
Imprensa de J. G. de Sousa Neves
Rua do Caldeira, 17

1864

Digitized by Google

A SEU PAE

Como testemunho d'acrisolado amor filial

O. D. e C.

O seu obediente filho

HENRIQUE AUGUSTO DA CUNHA SOARES FREIRE.

Digitized by Google

DUAS PALAVRAS

Hesitei ao ter de dar nome a este genero de escripto, se alguma coisa é, apenas lhe poderei chamar tentativa historica Setubalense.

Pouco se havia publicado ácerca d'esta terra, e ainda não tinha apparecido a promessa que um dos talentos contemporaneos de Setubal, o sr. J. C. d'Almeida Carvalho, fez de publicar as *Memorias da Minha Terra,* quando para um jornal litterario de Lisboa, comecei a mandar este trabalho, ensaio de um rapaz de dezeseis annos, que eram

Digitized by Google

quantos então contava. Interrompido o periodico, recommecei a publicação no *Correio de Setubal*, graças à benevola offerta das suas columnas, que me fez o proprietario e redactor o meu particular e intelligente amigo José Augusto Rocha.

Suspendendo-se, porém, a publicação do *Correio* (que actualmente já continua) alguem me aconselhou a publicar o meu trabalhinho em folheto, o que mais tarde fiz, cedendo talvez a um movimento de mal cabida vaidade, de que estou sinceramente arrependido.

Mil transtornos, a minha sahida de Setubal, para cursar os estudos da Escola Normal de Lisboa, etc. etc., fizeram com que a publicação se demorasse, e que eu reflexionando melhor, tivesse vontade (digo-o convicto) de rasgar tudo isto pelo achar imperfeitissimo.

Era porém necessario satisfazer os senhores assignantes, cuja protecção aqui agradeço, e da qual confesso abusei, fazendo-os esperar tanto; foi pois a precisão de corresponder a esses cavalheiros que me obrigou a concluir a publicação.

Emquanto ao offerecer a meu pae este trabalho, não entra ahi a questão da sufficiencia d'elle; ainda que nada valesse, a amisade que meu pae me dedica, far-lhe-iam desculpar a offerta e reparar só na intenção. Ainda assim, aqui lhe peço desculpa de ser ella tão simples.

Eis o que tenho a dizer, e que se póde resumir a duas palavras — perdão e agradecimento.

Setubal—Setembro de 1863.

Henrique Freire.

Digitized by Google

A PROPHECIA

OU A EDIFICAÇÃO DO CONVENTO DE JESUS

CHRONICA SETUBALENSE DO SECULO XV

I

1482

A CONVERSAÇÃO

> O mestre olhou para elle. .
> . . . era um cavalleiro.
>
> A. HERCULANO—*Mestre Gil.*

—Bem açodado ides Mendo Alvares; que motivo vos obriga a assim caminhardes?

—Pareceis-me chegado de remotas terras. Sabede que caminho assim, porque é hoje dia de predica do veneravel barbadinho italiano.

—A' fé que não me acordava de

Digitized by Google

tal; e em verdade bem felizes somos nós outros os filhos de Setubal, em podermos ouvir as palavras de tão bom religioso.

Este pequeno dialogo era trocado entre Mendo Alvares, alfageme de profissão, velhote ahi dos seus dez lustros, homem de gordas carnes e meã figura, e o bésteiro Aleixo, que com um pergaminho na mão se dirigia para a rua da Annunciada (hoje rua direita do Troino). Mestre Mendo seguindo em frente, encaminhava-se para o rocio dos Anjos (hoje largo de Jesus).

—Se negocio importante vos não chama, andae comigo: disse ao burguez Mendo, receando perder a companhia e a palestra.

—Não direi que não; o pergaminho que aqui levo não corre risco se for entregue mais depois, e além d'isso pode ser que seja esta a ultima vez que ouça o frade, pois que breve parto

Digitized by Google

com o terço de D. Gonçalo Gonçalves para terras d'Africa.

—Boffé, atalhou o alfageme, que se vamos por este descobrir de terras, d'entro em pouco não haverá gente em Portugal que chegue para as governar, pois...

Uma forte palmada assente em cheio nas largas costas do velho, que o obrigou a fazer uma curva para diante com metade do corpo, interrompeu a conversa.

—Jesus!

—Credo!

Exclamaram ao mesmo tempo os dois, virando a cabeça, um para vêr quem assim o tratava, e o outro para conhecer quem agredia o seu amigo. Obrigados porém por outro motivo, ambos levaram a mão aos seus carapuços, para cumprimentar o recem-vindo.

—Se me não engano encaminhaes-

Digitized by Google

vos para a ermida dos Anjos? disse elle dirigindo a palavra ao alfageme.

—Senhor si: redarguiu este já socegado, pois que reconhecera no recem-vindo um cavalleiro seu freguez. Depois de ter lançado uma vista d'olhos sobre o cavalleiro o alfageme fôra interrogar a espada e ficára contente ao vêr que era obra sua.

O cavalleiro era um homem de gentil figura, se bem que no rosto se lhe lêsse um certo ar sinistro, como de quem trazia a mente occupada por algum mau pensamento.

Vestia um gibão de veludo preto, elegantemente talhado, as calças eram da mesma fazenda e côr golpeadas de setim branco, e os golpes debroados de prata, calçava borzeguins tambem pretos, e no esquerdo do qual se via o pequeno acicáte dourado, distinctivo de cavalleiro. Uma charpa de muito rico bordado e lavor, posta garbosa-

Digitized by Google

mente a tiracollo, lhe sustinha a espada fabricada pelo mestre Mendo.

—Ide-vos talvez a ouvir o frade propheta?[1] perguntou D. Alvaro de Athayde que era quem com tão sem cerimonia interrompera o dialogo dos dois burguezes, deixando pairar nos labios um sorriso d'escarneo.

Senhor si:

—Oh! que bem fizera o rei (D. Alvaro era *fidalgo* por isso não accrescentou a phrase «nosso senhor») em o mandar tomar conhecimento com os carceres do D. Prior de Palmella.

—Callae-vos ahi senhor D. Alvaro, não maldigaes o santo velho, que a ninguem faz algo mal; interrompeu Mendo a quem a conversa já não agradava.

—Teremos hoje mais alguma prophecia? perguntou D. Alvaro d'Athaide.

[1] Vid. a nota 1.ª no fim do opusculo.

Digitized by Google

—Qual foi a outra que não ouvi, senhor meu? disse o velho cujo maior defeito era uma curiosidade mais que feminil.

—Prophetisou que o filho natural de D. João II, que elle tanto ama, nunca reinaria, [1] e que no decorrer dos tempos o jazigo que encerrasse os seus ossos seria profanado e exposto a tudo o que lhe quizessem fazer. [2]

—Que horror! exclamou o alfageme recuando a ponto dos trez descreverem um angulo recto cujo vertice se tornou o mestre.

—Mas já que não gòstaes de ouvir o frade, a que vindes?

—A certos arranjos: respondeu D. Alvaro sorrindo d'um modo extranho e deixando cahir maquinalmente a mão na cruz da espada.

[1] Vid. nota 2.ª no fim do opusculo.

[2] Idem.

Digitized by Google

—Sabeis-me dizer se o Duque de Vizeu virá hoje de Palmella.

—Senhor não.

D. Alvaro inclinou pensativamente a cabeça, e continuou a andar sem dirigir mais palavra ao mestre armeiro, que lá comsigo scismava porque elle iria tão exquisito.

Digitized by Google

II

A PROPHECIA

> Aqui...................
> tomou a postura de um propheta
> que falla em nome de Deus.
>
> A. HERCULANO—*O Monge de Cister.*

Os tres, ou para fallar verdade os dois, pois que o bésteiro conservava-se sempre a respeitosa distancia, dirigiram-se como dissemos para o rocio de N. S.ª dos Anjos.

Bem differente era elle do estado em que agora se àcha. No lòcal aonde hoje se ergue esse bello munumento architectonico do seculo XV, de pé e attestando em pleno seculo XIX o que eram aquelles tempos que em vez de

Digitized by Google

destruir construiam, em vez de derribar, faziam magnificas edificações, nada existia assim. Não fiquem a julgar já os criticos por esse pequeno periodo ahi lançado, que somos *antiprogressistas*; não o somos, mas não deixaremos comtudo de dizer, que a civilisação d'esta época, ao mesmo tempo que arroga a si o titulo de lima aperfeiçoadora é as mais das vezes o camartello destruidor. Adeante, continuemos a nossa narração.

O rocio dos Anjos era então um local plantado de hortas e vinhas no meio do qual se desdobrava um grande lago, onde a lua se mirava em noutes serenas, a quem o sol despedindo-se do horisonte ainda ia beijar com seus ultimos raios, e no qual se reflectia como já tomando posse do logar, a cruz que coroava a ermida de N. S. dos Anjos.

Esta porém é que pouco divergia

Digitized by Google

da a que hoje chamam egreja da Ordem Terceira. Era como actualmente pequena e acanhada, a unica differença consistia em o arco que a divide da ermida do Soccorro não estar ainda tapado e a parte exterior do templo ter um alpendre. No tempo em que se passaram os acontecimentos que aqui relatamos servia de Misericordia e tinha contiguo o hospital de que ainda hoje restam vestigios.

Chegado ao rocio, D. Alvaro abandonou o mestre, e foi encostar-se á pequena ponte, que do Bomfim ao Largo, se lança sobre o Algodeia, pequeno riacho que da baixa de Palmella corre em direitura ao Sado, esperando a chegada do duque, que provavelmente por alli viria.

O bésteiro tambem tomára outro rumo e o velho viu-se por consequencia só. Para não perder nem meia das palavras que dissesse o monge. Men-

Digitized by Google

do atravessou a multidão como a serpente perpassa por entre as intrincadas e densas moitas, e foi-se collocar ao pé do pulpito.

Ora digamos aqui de passagem, para facil comprehensão tua leitor, e honra dos manes do alfageme, o motivo porque elle obtivera tão livre transito por entre tanta gente ali agglomerada, e por que tantos barretes e carapuços se tiraram á sua apparição. O caso é este. O nosso homem dava, n'um só dia, mais conselhos, do que o melhor doutor n'um mez, e que além d'isso tinham a vantagem de ser *gratis*. Ainda mais; ía na roda do anno as suas trinta vezes á matriz de S. Julião, voltando de lá sempre com alguns cruzados de ouro* de menos e um afilhado de mais!

* Os cruzados de ouro foram cunhados pela primeira vez no reinado de D. Affonso V.

Digitized by Google

Já vês, pois, leitor que nem eu nem tu seriamos tão felizes, pois que não temos a afilhado-mania do bom alfageme, e em identicas circumstancias haviamos de ficar entre os mais, privados da commodidade que elle estava gozando.

Dito isto continuemos.

Passados alguns minutos depois da chegada de Mendo, appareceu no pulpito que fôra collocado sob o alpendre, o prégador. [1]

Era um homem de sympathica presença. Na fronte larga, espaçosa e despovoada de cabellos, que rivalisaria com a côr do marfim, viam-se-lhe profundos sulcos que as vigillias do espirito e as macerações do corpo ali tinham estampado. Seu rosto respeitavel tinha alguma cousa de angelico, e os olhos brilhavam d'um fulgor divino, como o que devia scintini-

[2] Vid. a nota 3.ª *ad finem*.

lhar nos dos prophetas da lei antiga. Uma densa barba cuja brancura os flocos de neve não imitariam, chegava-lhe até meio do peito, contrastando perfeitamente com o habito e murça pretos que trazia vestidos. No lado esquerdo d'esta ultima via-se uma palma verde. Como distinctivo da ordem a que pertencia, era-lhe cingida a cintura pelo cordão d'esparto dos franciscanos.

O italiano lançou um olhar pela multidão, que o contemplava muda e tranquilla; e persignou-se.

O povo repetiu o mesmo signal fazendo tres cruzes cada uma em distincto logar e acabadas as quaes beijou devotamente a unha do pollegar com que as traçára.

Deu começo á predica um curto exordio que evitaremos reproduzir para não enfastiar o leitor. Acabado elle o frade como inspirado repenti-

Digitized by Google

namente, indicando o campo culto e paludoso, que se lhe estendia ante a vista, exclamou:

«Vêdes vós aquelle pedaço de terra inculta? pois adverti que ainda hade ser um paraizo de Deus e fecundo jardim de plantas e de fructos de virtudes e glorioso em sanctos fructos. Ali hãodem viver creaturas que, (cujas) obras eminentes transformarão aquelle logar humilde em um ceu admiravel.» *

E ao dizer estas palavras o rosto do ancião parecia estar illuminado pelo Espirito do Senhor.

Por algum tempo se conservou em extasi, até que como acordando de subito, desceu, deixando o bom povo setubalense absorto em immensas reflexões e commentarios ácerca da prophècia.

* A prophecia é textualmente reproduzida do *Semanario Marianno*, vol. 1.°

Digitized by Google

O alfageme como procurasse com os olhos algum companheiro, divisou D. Alvaro que á chegada do frade abandonára o seu posto para o ouvir, apesar do que dissera ao seu companheiro.

Mendo chegou-se a elle.

—Que me dizeis a isto senhor cavalleiro?

—Desvarios d'uma cabeça fraca pelos jejuns e pela vida contemplativa.

—Lá o veremos senhor meu.

E apartaram-se.

Digitized by Google

III

1488

O PEDIDO

> «Sênhor rei. é chegado o momento de vos declarar meu... voto.»
>
> A. HERCULANO—*A Abobada*.

Era nos paços dos senhores reis de Portugal. Regía este reino el-rei D. João II o *grande*, o *popular*; o rei que mais estimado foi do povo e aborrecido dos nobres, que mais zelou os interesses do primeiro e que melhor castigou e abateu o orgulho dos segundos: o rei, que como diz o nosso

Digitized by Google

primeiro historiador[1] «ousado e cioso no mando supremo, era similhante ao furacão do deserto que revolve e quebra os pinheiros e carvalhos da encosta e agita apenas a erva rasteira, que cresce no fundo do valle.»

N'uma das salas dos paços da Ribeira, estavam dois homens, um sentado a uma meza e curvado sobre ella fazia com a penna o desenho d'uma torre; quem diria a esse homem que mais tarde esse desenho levado a obra exclamaria pela boca de um grande poeta

> Eu sou a torre princeza,
> Excedi Tyro e Veneza
> Cartago e Roma igualei.[2]

E' por que a torre que Garcia de Rezende executava era a torre de S.

[1] O sr. A. Herculano.
[2] J. da Silva Mendes Leal—*O Pavilhão Negro*.

Digitized by Google

Vicente de Belem, por junto da qual havia de passar D. Vasco da Gama na sua volta da India, depois de ter visto a esqualida figura do Adamastor e ter recebido os tributos e parias dos reis da Azia: o outro por detraz do desenhador e encostado ao espaldar da cadeira, lançava um olhar prescrutador, para vêr o que o seu companheiro fazia. Este era el-rei D. João II, o outro o seu moço de escrevaninha Garcia de Rezende.

—Sois grão debuxador, dizia o rei a Rezende, ao vêr o bem que sahia o desenho que ao seu escrevente tinha commettido.

—Vossa alteza dizer-m'o é para mim gram honra; disse este deixando vêr n'um sorriso quanto o elogio lhe agradára.

—Deves presar-te muito d'isso, é muito boa manha e eu desejava muito saber fazel-a.

Google

O chronista-desenhador continuou o seu trabalho.

—Meu primo o imperador Maximiliano sabe-a fazer muito bem, accrescentou D. João.

—Senhor si, respondeu Rezende, e d'isso tem gram gloria.

—Eu gosto muito da gente que a faz e por isso mandei sanccionar a carta que meu pai o senhor rei D. Affonso v tinha dado a Vasco para elle receber duzentos réis todolos mezes, pagos pela portagem de Lisboa, pois é bom illuminador.[1]

—Vossa alteza faz muito bem em proteger os homens do povo, pois que são elles os alicerces do seu real throno, em quanto que os grandes e senhores apenas são os ornatos

[1] Esta carta existe no Livro da Chancellaria de D. Affonso v a fl. 179, mandada passar pelo dito rei a Vasco, a 7 de maio de 1455.

Digitized by Google

dourados, e alguns de natureza bem falsa.

El-Rei D. João II surriu-se sinistramente, e pelos olhos passou-lhe um fulgor extranho, parecia que o rei n'aquella mudança de rosto queria dizer:

—Oh! esses abatel-os-hei eu como a segure do trabalhador lança por terra o roble altivo e frondoso.

Depois uma subita tristeza succedeu-se a este gesto e o rei disse com voz pausada e lugubre:

—Os grandes, os grandes! entre nós e elles ha uma contenda declarada, veremos quem a vence. O leão não dorme, está desperto. Não lhes bastou o espectaculo a que os fiz assistir na praça d'Evora? Não viram o castigo de meu cunhado o duque de Bragança? [1]

[1] E' sabido que D. João II fez degollar pelo carrasco o Duque de Bragança.

Digitized by Google

E dizendo isto foi sentar-se n'uma das cadeiras da sala silencioso e meditabundo.

Garcia de Resende poz de parte o seu trabalho; chamou um pagem para que esperasse as ordens do rei, em quanto elle sahia, e partiu, aproveitando-se do torpor do monarcha para gozar a liberdade, o que poucas vezes lhe succedia. [1]

Passado algum tempo sentiu-se o roçar de um vestido feminino no corredor que conduzia á sala aonde o rei estava; o pagem correndo o reposteiro deixou ouvir com voz

Quem quizer ter mais amplas noções ácerca d'este tenebroso drama, veja o *Mestre Gil*, publicado pelo sr. A. Herculano no *Panorama* de 1838.

[1] Rezende estava continuamente na camara do rei e quasi nunca d'ella sahia. Vidè a Chronica de D. João II que Rezende escreveu, capitulo 213.

Digitized by Google

infantil e argentina estas palavras usuaes:

—A senhora Justa Rodrigues Pereira.

Ao rumor que o pagem fez, elrei pareceu accordar sobresaltado, levou impetuosamente a mão ás guardas do punhal que continuamente trazia, mas.... viu ante si uma mulher!

D. João II sonhava com as conspirações.

Justa Rodrigues [1] inclinou-se perante o rei e beijou-lhe a mão.

O soberano embainhou o punhal semi-sahido e compondo o semblante disse com modo benigno á ama de seu primo D. Manuel:

—A que vindes senhora Justa?

—A pedir-vos uma graça, meu rei e senhor.

[1] Vide a nota 4.ª no fim do opusculo.

Digitized by Google

—Que me pedirieis vós que sendo-me possivel vos não faça, redarguiu D. João II.

—Sabede senhor rei que ha em Setuvell, villa do vosso dominio, um sitio aonde estão plantados alguns hortos e vinhas proximo ao Rocio dos Anjos, sou pois aqui vinda a dizer-vos, que muito desejava esse terreno para ahi edificar um mosteiro de servas do Senhor.

—Se bem me accordo, tal campo não nos pertence, mas sim á confraria da Annunciada, por doação d'Alvaro Dias.[1]

—Isso é, real senhor, isso é, mas...

—Deixae-me acabar. [2] * Além de que, ama, a muito vos atreveis.

—Senhor, disse a boa mulher, se

[1] Vide a nota 5.ª *ad finem*.

[2] O que vae entre asteriscos é historico.

Digitized by Google

Jesu houver mister alguma cousa de vossa alteza, farlh'a-ha.

O rei ao ouvir tal, tirou a gorra da cabeça e disse com toda a humildade:

—A Jesu a corôa e a pessoa; *bem sabeis que usamos da divisa: *Si Deus est pro nobis quis contra nós,* [1] e então para gloria do filho de nosso Pae eternal, tudo se fará. Para vos mostrar a verdade das minhas palavras, proseguiu D. João depois de se ter coberto, farei escrever á confraria para vos vender essas terras. [2]

—Graças, senhor rei, disse a aia, do duque de Beja, cujo rosto transluziu d'uma alegria pura e santa.

—E mais se fará por Jesu e por

[1] Se Deus é por nós, quem contra nós.
[2] Vide a nota 6.ª

Digitized by Google

vós ama. Alcançaremos do Papa Innocencio VIII, ainda que nos custe a a pezo de ouro como todos os favores de Roma, o breve da licença para a fundação do dito convento. [1]

Justa ao ver tamanha bondade do rei, não se poude conter; e prostou-se-lhe aos pés, exclamando:

—Graças mil, meu senhor rei, Jesu nos ceus recompensará vossa religião e caridade.

—E quem vos debuxará o edificio? perguntou o rei depois de um momento de silencio.

—O vosso architecto, por nome Boutaca, que fizestes vir das Italias, elle diz que já o viu em sonhos e o traz debuxado.

—Pois então, contae tambem para vos debuxar e illuminar os

[1] O breve alludido existe no mosteiro de Jesus; pelo não julgarmos de interesse é que o não reproduzimos aqui.

Digitized by Google

paineis, com o nosso illuminador Vasco. [1]

Justa novamente agradeceu ao soberano e sahiu do aposento, jubilosa por vêr os seus planos realisados.

D. João II, momentos depois d'ella ter partido, tirou de cima da mesa um pergaminho que abriu. Ao lel-o, as feições do rei contrahiram-se e uma leve pallidez alterou-lhe a côr do rosto.

O pergaminho continha um aviso anonymo de que tramavam para empeçonhar o monarcha. O filho de D. Affonso V, machocou o aviso entre as mãos com um excesso febril e rasgou-o. Depois, agarrando n'uma varinha de prata, fez soar uma campanilha do mesmo metal; o pagem appareceu.

—Que vão em cata do meu «so-

[1] Vide a nota 7.ª *ad finem*.

Digitized by Google

lorgião e physico» mestre Antonio[1] que hei mister fallar-lhe, ordenou o rei ao pagem que desappareceu n'um instante.

Passadas poucas horas estava o pagem de volta. D. João II encerrou-se com mestre Antonio na camara. As palavras que elles trocaram ninguem as soube, mas o certo é que o cirurgião e phisico não achou remedio para evitar o veneno que deram ao rei em Alvor, segundo as *suspeitas* dos historiadores.

Quantos reis bons como este, não terão sofrido a mesma sorte e a historia apenas registra a palavra *suspeitas*, sem que os culpados tenham

[1] Este personagem, bem como todos os mais do presente escripto, á excepção do alfageme e do bésteiro são historicos; quem quizer ter mais noticias ácerca de mestre Antonio, veja a monumental obra do sr. I. F. da Silva, o *Diccionario Bibliographico*, vol 1, e a Chronica de Rezende.

Digitized by Google

por castigo nem siquer a execração dos vindouros, que não sabem a quem attribuir tão infame acto, nem mesmo o podem affirmar em vista das duvidas que lhes transmitem os contemporaneos.

Digitized by Google

IV

1490

A PROCISSÃO

> Todavia podia mais com elle o seu genio fallador do que quaesquer outras considerações. . . . .
>
> A. HERCULANO—*Mestre Gil.*

A campa da matriz de S. Gião (hoje S. Julião) tangia fortemente chamando o povo, e este, acudindo á voz do bronze, corria para o templo que estava edificado na praça principal da villa de Setuvell.—Mas dissemos mal, nem só o povo rude e baixo para ali se dirigia, eram tambem

Digitized by Google

sacerdotes, fidalgos, cavalleiros, e mui respeitaveis e louçãas domnas, como diria algum chronista d'aquelle tempo.

—Sus! aprendizes de Satanaz, dizia um homem idoso e barrigudo a tres rapazes que de envolta com elle trabalhavam n'uma loja de tosca apparencia, situada na praia.

—Ouço tanger a campana de S. Gião...

—E' verdade, é; repetiu em côro o trio aprendiz.

O leitor não será tão peco que deixe de conhecer quem era este velho, nem tão pouco sagaz para descubrir que mestre Mendo, chamando aos rapazes aprendizes de Satanaz, derase a si mesmo a qualificação de principe das trevas; porém Mendo sabia melhor pulir um capacete ou uma adaga, do que uma phrase ou proposição; reparava mais nas faltas ou

Digitized by Google

manchas do aço do que nos barbarismos grammaticaes.

E livrassem-se de lhe ir notar algum defeito em obra por elle feita, que veriam como enchendo-se de orgulho e fazendo do nariz um tomate, pela vermelhidão, exclamava com voz irada:

—Quem o fizer melhor (e mais barato, acrescentava sempre) que venha para cá.

Emfim o mestre retirou-se para um quarto interior que havia na loja. Pouco depois, um dos rapazes a quem a demora de Mendo inquietava, foi de mansinho espreitar o que fazia o velho; os outros seguiram-no com a vista, com mais inquietação e cuidado do que a mãe carinhosa quando vigia os passos vacillantes do filhinho sahido ha pouco das faixas infantís. O rapaz depois de ter incorrido no peccado venial, a curiosida-

Digitized by Google

dade, voltou batendo as palmas e gritando:

— O senhor mestre está calçando os sapatos novos!

Esta noticia, que parecerá muito simples, foi acolhida com immenso jubilo pelos dois aprendizes. A razão é facil de explicar; o mestre que calçava os sapatos novos, é porque sahia, e apenas elle tal fizesse, pela mesma porta entrava o setimo peccado mortal para se apoderar das faculdades corporaes do rapazío. Verdade é que ás vezes a virtude contraria, personificada n'um cajadinho, fazia custar caro o bocado de mandriice que os rapazes gosavam.—A alegria pela sahida do mestre continuava a patentear-se ruidosamente, quando este apparecendo á porta, trovejou com voz de stentor:

—Por minha vida, que gram algaraviada que fazedes ahi.

Digitized by Google

Os rapazes não tugiam nem mugiam.

—Andar, andar, cada qual a seu trabalho que eu passados que sejam tres credos estou de volta.

O mestre sahindo encaminhou-se, como é bem de julgar, para a egreja, porém o povo era tanto que chegava a meio largo; alli é que não havia padrinhos nem afilhados. Mendo tinha ante si uma muralha viva tão compacta, que não imaginou sequer rompel-a. Despeitado o velho voltou para a loja maldizendo Setubal e a terça parte dos seus habitantes que ali se achava reunida.

Ao chegar á loja o mestre deu pela falta do mais novo dos aprendizes, isto augmentou a sua zanga.

—Aonde está Fernão? perguntou elle com um gesto ainda mais carrancudo do que o do guarda do Cabo Tormentorio, quando nove annos mais

Digitized by Google

tarde exprobou a Vasco da Gama a sua audacia.

—Sahiu, senhor mestre, responderam-lhe os dois algum tanto assustados.

—O cabo d'aquella adaga lhe ensinará logo nas costellas a não ser rebelde, disse Mendo indo para o cubiculo despir os habitos domingueiros que tão mal empregados foram n'aquelle dia.

Finalmente seriam umas duas horas entrou o aprendiz. Pela cara se via que o rapaz esperava a recompensa dos seus serviços liberalmente paga pelo alfageme. Mas como a ardilosa aranha, que extende a bem tecida teia para prender o volatil insecto, assim o rapaz resolveu valer-se da sua pericia para captar o velho e salvar o corpo.

—Por aonde andas-te alma perdida —gritou o mestre com voz atroadora.

Digitized by Google

—Fui a vêr a procissão, respondeu o rapaz, que bem bonita hia, e mais o foi a cerimonia.

—Qual cerimonia, replicou o mestre largando o troço de pau que já empunhára e sentando-se de novo.

Era ahi que o aprendiz o esperava. Contou-lhe como o bispo lêra uma falla do Papa chamada breve, em que concedia licença para se edificar o convento, assim como deitara a benção ao povo, até que o mestre o interrompeu perguntando-lhe:

—Estava presente a fundadora?

—Senhor si; e muitos fjades, cavalleiros e outras gentes.

—E el-rei porque não viria?

—Disseram-me que no mosteiro estava, e que breve virá aqui.

—Está bom, disse Mendo, que farta a sua curiosidade ficava, como a giboia depois de engulir um boi, isto é, sem ter animo de nada, por

Digitized by Google

isso o cabo da adaga foi arremessado para longe com grande gaudio do aprendiz.

—Perdôo-te a falta pela nova, mas guarda-te d'outra, que Mendo nem sempre é bom.

Continuaram todos a trabalhar, se bem que Mendo o não fizesse com tanto affinco, pois que estava desconçolado por não ter assistido á festa, que na egreja de S. Gião se celebrára, nem á procissão que sahindo d'ali fôra ao Rocio dos Anjos aonde o aprendiz presenciára o que lhe tinha narrado.

Digitized by Google

V

UM EPISODIO AMOROSO

«Não me verás mais, ainda que longe de ti, por certo estalarei de dôr.»

A. HERCULANO—*Arrhas por foro de Hespanha*.

Quem desembarcando na estação do caminho de ferro do sul em Setubal, tomar, para penetrar no interior da cidade, pela estrada de S. João, que uma camara illustrada e previdente está arranjando e embellesando, desemboca na praça de S. Bernardo, vulgarmente chamada Palhaes.

Digitized by Google

Esta praça que sería uma das mais bellas de Setubal, se não estivesse tão mal cuidada, parece estar reservada para receber um dia o monumento dedicado a Manuel Maria Barbosa du Bocage, quando os Setubalenses recordando-se do olvido em que teem estado immersos para com a gloriosa memoria do grande poeta, se resolverem a pagar por tal fórma um tributo de gratidão ao rei dos improvisadores.

Oxálá que esse dia que já se faz esperar, chegue cedo, para que se levante o anathema de ingratos que pelos admiradores do poeta é lançado sobre os filhos de Setubal.

Deixemos porém Elmano Sadino e os cincoenta e quatro annos de esquecimento dos setubalenses e continuemos a fallar da praça da bella ci dade a quem o Sado banha com suas aguas puras, que fizeram com que

Digitized by Google

um poeta lhe chamasse «lindo lago de christal.» [1]

Ao entrar pois na praça de Palhaes desafia a attenção do forasteiro uma longa correntesa de predios que de nascente ao poente á sua vista se apresenta. Esta fileira de janellas similhantes em tudo a uns ninhos de corujas, tem o nome de «Freiras Bernardas.» [2]

E' pois ao tempo em que esse predio, fundado sobre as ruinas do hospicio dos jesuitas que em 1665 ahi se erigiu e que o terramoto de 25 de novembro de 1755 deitou por terra felizmente, era apenas uma pequena casinha, que nós vamos conduzir o

[1] Henrique Junqueiro, poeta setubalense de bastante habilidade.

[2] Ignoramos o motivo de tal denominação, para a qual não encontramos rasão convincente. Este nome é, como muitos, um dos com que a etymologia nada tem a fazer.

Digitized by Google

leitor se elle quizer transportar-se comnosco a esse tempo e a esse sitio.

Era uma noute do mez de agosto, mas ella não offerecia á vista um d'aquelles espectaculos magnificos, tão communs n'esse mez, como o da lua brilhando na abobada espherica similhando a uma lampada que mão invisivel tivesse suspendido na vasta região do espaço, para innundar a terra com a sua claridade benefica: noutes que desafiam a ir a deshoras gosar na solidão dos campos o grato ambiente que derramam na atmosphera os perfumes das flores cobertas do galvanismo de prata que lhes imprime, os raios do astro mimoso dos poetas.

A noute pelo contrario estava escura e tetrica e com seu denso veu envolvera a terra em trevas.

Na casinha dita bruxuleava n'uma de suas geolosias uma luz que disseramos um fanal collocado no meio

Digitized by Google

d'aquelle mar de escuridão, para servir de guia ao navegante perdido.

Com effeito assim era; aquella luz esperava alguem, ou melhor ainda, alguem a esperava, pois que apenas appareceu, um vulto destacando-se do pé do sitio em que está edificada actualmente a egreja da Boa-Hora, que pertenceu aos Agostinhos descalços, vulgò grilos, caminhou direito a ella.

O seu andar era rapido, e a sua figura, negra qual a de phantasma agoureiro, teria obrigado alguma curiosa velha que a taes horas ouzasse por ali passar, ou mesmo a espreitar pela greta da adufa, a fazer o signal da cruz, julgando ter avistado algum lubis-homem que se dirigia a cumprir o seu *fado*.

Aò chegar junto á adufa de onde sahiam os tenues raios do beneficente pharol, um pequeno grito lançado por voz femenina partiu e encontrou-se

Digitized by Google

com outro que denunciava o diapason de homem.

Depois a luzinha desappareceu e a geolosia ficou tambem mergulhada na escuridão.

—D. Pedro sois vós! foi a falla que partiu da janella, vibrando suave como o gorgeio do passarinho que despertando tivesse lançado o seu mavioso trino por entre o silencio da noute.

—Sou, D. Beatriz, venho dizer-vos o adeus da despedida.

—Partís, perguntou a donzella com tom doloroso.

—Parto; a minha vida corre risco; vou em demanda de outra terra, acoitar-me n'outro paiz, pois que no meu espera-me, se fico, o patibulo.

—Ai, D. Pedro, como a imprudencia faz com que vos perca.

—Imprudencia! replicou o altivo descendente dos Athaydes, que era

Digitized by Google

quem fallava á filha do duque de Bragança; imprudencia: chamae-lhe vingança D. Beatriz, pois que era o sangue de vosso pae que nós queriamos vingar. Sangue innocente que a cólera injusta de D. João II atrozmente derramou sem cortezania nem honra.

—Callae-vos D. Pedro, pela Virgem! que não vá a aragem que nos affaga o rosto denunciar a el-rei taes conversas e ditos. Eu sou filha de D. Fernando, verdade é, mas sou sobrinha de D. João II. Aquelle era meu pae, este meu rei. Se Deus me mandou obedecer ao primeiro em quanto viveu, ordena-me de acatar o segundo em quanto existir. Ao Eterno cumpre julgar as acções dos réis, e não a mim cujas idéas se perdem ao acordar-me de que D. João mandou matar meu pae, sendo seu parente chegado. Se o duque de Bragança estava criminoso, não perturbemos sua alma

Digitized by Google

fallando n'elle, se era innocente perdoemos ao rei culpado como o manda a religião de Christo, que jámais aconselha a vingança.

—E' um anjo D. Beatriz, que só anjos podem assim fallar; seja, perdoae-lhe vós, que eu não o posso fazer. Perder um amigo, vêr meu pae fugido e eu mesmo abandonar-vos talvez para sempre, quando esperava que fosseis minha...

—E pensaveis n'isso D. Pedro? Louco que ereis. A filha do duque de Bragança não poderá aspirar á mão de cavalleiro algum. A filha do homem que pereceu ás mãos do carrasco não devia pensar em dar em troco das arrhas ao seu noivo... as madeixas tinctas no sangue paterno, unica herança que lhe resta.

—O que importava isso!

—Muito, D. Pedro, essa mulher era tambem criminosa, a deshonra do

pae recahia n'ella. A minha sorte é outra; o templo do Senhor aguardame, é alli que esquecida do mundo, de joelhos na lagea do claustro, no chão do coro, ou recolhida na minha cella eu orarei por meu pae e por vós.

—Graças, D. Beatriz, mas á pouco que essa resolução ainda vos não tinha tomado, pois que sentieis a minha partida segundo o dissesteis.

—Se disse com magoa que vos perdia, foi porque estando vós aqui por entre as grades do meu convento, fruiria a dita de vos vèr, e isso alleviaria o meu soffrimento.

—Se aínda hoje aqui vim foi para vos dizer o meu ultimo adeus; ignorava porém que a elle se juntasse o vosso.

E as fallas da pobre menina íam pouco a pouco enfraquecendo como os sons da lyra que a mão do trovador desalentado tangesse.

Digitized by Google

—Então, D. Beatriz, adeus para sempre?

—Para sempre... não, encontrar-nos-hemos... na outra vida.

Sentiu-se o fechar da geolosia, ouviu-se o ruido dos passos do cavalleiro no solo movediço... e nada mais.

Só a lua é que despindo-se um instante do seu involucro de nuvens patenteou a sua face pallida e triste, como se sentisse a sorte d'aquelles dois entes que ligados pelo amor não podiam aspirar na terra a outro laço senão o do infortunio.

Digitized by Google

VI

1490

SETUBAL

> Setubal era mais rica; o commercio florescia ali em immenso grau. Emfim, Setubal era n'aquella epocha (1490) uma das mais abastadas villas que no reino havia.
>
> A. HERCULANO—*Mestre Gil.*

«Linda terra é Setubal. É a risonha filha do Sado que se estende poetica e fascinadora á beira de suas aguas, toucada por bellos pomares, e cercada de virentes campos»; eis o que ha dois annos escrevia no *Cysne do*

Digitized by Google

Sado,[1] um poeta de quem a terra d'esta mesma cidade, já recebeu em suas entranhas os restos mortaes.

João d'Aboim[2] fallava verdade; quem ha ahi que ao avistar Setubal, a não saude com enthusiasmo, vendo-a reclinar-se n'um vasto vergel que alegra a vista e desperta o espirito, acorda o estro do poeta e a idéa do prosador?

O silvo da locomotiva inaugurou em Setubal uma epocha risonha, tornou-a um bairro da capital e instigou-a a caminhar rapidamente na vasta estrada da civilisação.

A patria de Bocage, Santos Silva, Quevedo, e innumeros homens que illustraram Portugal, vê surrir ante

[1] Semanario noticioso setubalense.
[1] Vid. a nota 9.ª

Digitized by Google

si um futuro grandioso que a hade collocar a terceira terra d'este reino em importancia, assim como já o é em população.

Não é porém

A cidade recente que hoje enflora
Este jardim chamado Portugal, [1]

que vamos apresentar ao leitor. É preciso que elle saiba que a Setubal de hoje, com as suas ruas bem limpas e sofrivelmente calçadas, com os seus reverberos aonde em breve fulgurará a luz do gaz,[2] com os seus predios desasombrados e elegantes, em parte, não é a mesma do seculo xv,

[1] Mendes Leal (Antonio), poesia ao ex.^mo sr. Anibal, deputado por Setubal.

[2] Á energica vontade do sr. Luiz Louge, deve esta cidade tão grande melhoramento.

Digitized by Google

com as ruas immundas e com grandes lageas que escangalhavam borzeguins e pés, apenas allumiada á noute por alguma lampada que mão devota dendurava aqui ante um S. Marçal de azulejo, advogado do fogo, além deante de um nicho em que estava o casamenteiro S. Antonio, Nossa Senhora da Conceição, S. Miguel, as Almas e outros santos e santas, conforme a devoção do dono ou inquelino das casas, cujas frentes sobrecarregavam as adufas e geolosias de extravagante architectura.

A configuração da villa, a quem um seculo mais tarde D. João III daria para a galardoar o titulo de *muy notavel*, e trezentos annos depois d'elle D. Pedro V, o rei *muito amado*, engrandeceria com o titulo de cidade, era pouco mais ou menos como a vamos descrever.

Digitized by Google

Cingia-a uma muralha, que a grande altura do solo se elevava a prumo; coroavam estes muros innumeras torres quadradas com ameias e setteiras, conforme a maneira e as regras de fortificação d'aquelles tempos.

N'esta muralha, de que ainda restam muitos vestigios, estavam incrustadas as portas e postigos que vamos mencionar, e que davam entrada e sahida para a villa.

A Porta Nova, hoje Arco da rua dos Sapateiros; o Postigo de Santa Catharina; o Postigo do Sapal, vulgò Buraco d'Agoa; a Porta d'Evora, ou d'Erva, junto ao local aonde existe a ermida da Conceição; o Postigo de Santo Antonio, deante da egreja do mesmo nome que ainda existe; a Porta de S. Sebastião, fronteira á egreja (a qual ficava fóra dos muros), e que hoje ainda se vê; a

Digitized by Google

Porta do Sol, na praia; o Postigo do Carvão, hoje Arco da rua de João Gallo; o Postigo da Alfandega; o Postigo da Pedra; o Postigo de S. Christovam: o Postigo da Ribeira, sobre que esteva a casa da Tabola Real, e aonde hoje se levanta um bello predio, pertencente ao digno proprietario M. Novaes; e o Postigo das Lobas, que existe tal qual; junto a este achava-se a casa de Nuno da Cunha, que depois foi paço dos duques d'Aveiro, e cuja varanda se estendia até pegar com a parochial egreja de S. Julião, no côro da qual os duques mandaram abrir porta de communicação para assistirem aos officios divinos.

Foi n'esta casa, como ao deante diremos, que D. João II apunhalou o duque de Vizeu, e mandou matar em Setubal D. Pedro d'Athayde, o infe-

Digitized by Google

liz namorado de D. Beatriz, de quem depois trataremos.

A villa devidia-se em duas freguezias: S. Gião e Santa Maria. Só no reinado de D. João III, como governador e perpetuo administrador da ordem e mestrado de Sant'Iago, mandou por carta de 14 de março de 1553 erigir em freguezias as egrejas de S. Sebastião e Santa Maria. As praças principaes eram o Sapal, n'um dos angulos da qual estava um relogio de sol. A do Anjo da Guarda, hoje Rocio de S. Caetano, e a Annunciada, estavam fóra da linha da fortificação.

Existia apenas n'esta villa, e extra-muros o convento dos xabreganos da invocação de S. Francisco, fundado em 1410 por Maria Annes Escolar.

O senhorio da villa pertencia por esse tempo a D. Jorge, co-

Digitized by Google

mo grão-mestre da ordem de Sant'-Iago.

N'ella residia o ouvidor do mestrado da dita ordem, um provedor e um juiz de fóra. Tinha o tribunal da Alfandega e o da Tabula, e a superintendencia do sul. A administração interior era feita por cinco vereadores, procurador do concelho, etc. etc.

Para não deixarmos esquecida particularidade alguma d'aquellas que comportam os acanhados limites da nossa obrinha, diremos como eram as armas d'esta villa.

Constavam (e constam) d'um castello com ameias e setteiras, por cima da qual tem uma concha, e de cada lado d'elle uma cruz da ordem de Sant'Iago, e na parte inferior uma barca entre as ondas, cercada de peixes.

Tal era, pouco mais ou menos, a

villa predilecta de D. João II,[1] no tempo em que este facto se passava.

[1] No verão de 1484 foi el-rei D. João II residir em Setubal, terra em que muito folgava de habitar.

A. HERCULANO, *Mestre Gil.*

Digitized by Google

VII

1490

A PRIMEIRA PEDRA

> Os principes pios. . . . . são
> sempre ajudados de Deus.
> A. HERCULANO—*A Abobada*.

Que bello espectaculo era o que apresentava á vista o rocio dos Anjos no dia 22 d'agosto de 1492.

Um arraial magnifico se estendia por todo elle. Tendas de variegadas côres o enfeitavam. No meio d'ellas sobresahia a do bom rei D. João II, que viera com toda a sua comitiva

Digitized by Google

vêr as obras do mosteiro;... porém não anticipemos. O leitor já vae saber o motivo da vinda do rei.

Grande era a quantidade de povo que se dirigia para o rocio supra dito.

Uns corriam para o postigo de Santa Catharina (antiga porta da Barbuda) que aberto de par em par, dava livre passagem aos transeuntes que buscavam aquelle caminho; outros vinham pela praia atravessando a tosca ponte que n'aquelle sitio se achava, alguns tomavam pela Porta nova. Finalmente cada qual procurava a senda que melhor lhe convinha, sem que por isso deixassem de se atropellar, empurrar, e cruzar o costumado jogo de dicterios que n'estas occasiões de alvoroto e accumulação de gente é costume trocar. O que era que obrigava os filhos de Setubal a correrem assim?

Digitized by Google

A resposta é simples para os que lêssem os dois primeiros periodos d'este capitulo. Era a chegada do rei que vinha, segundo se dizia, lançar novamente a pedra fundamental porque lhe não agradára a obra como estava.

Entre os que mais apressados corriam, via-se um homem já avançado em annos que parecia mais do que ninguem empenhado em chegar ao local já sabido.

O leitor já o conhece, era Mendo Alvares o alfageme,

Dous motivos vinham perturbar a sua alegria, annuviar-lhe o semblante e obrigal-o a ir merencorio e cabisbaixo. O primeiro, e o mais essencial, era o não ter alguem que lhe tirasse a ferrugem á lingua, assim como elle a tirava das espadas que lhe levavam. O outro o não ir com elle o fidalgo a quem desejava fazer vêr que fôra verdadeira a profecia do frade.

Digitized by Google

Só, trtste, silencioso, mas sempre ligeiro, o bom homem chegou ao termo do seu caminho. Foi então que a alegria lhe irradiou o rosto.

Tinha triumphado; via o começo da obra annunciada pelo barbadinho italiano.

Digamos porém aqui de passagem a rasão pela qual D. Alvaro d'Athayde não só deixava de acompanhar Mendo, mas ainda tambem não se achava em Setubal.

Como dissemos no III capitulo, a lucta entre o rei e a nobresa travara-se. Os nobres começaram a tramar contra a vida de D. João II; este levantou a luva que os altivos e audaciosos cortezãos lhe lançaram e o córte da cabeça do duque de Bragança foi a primeira resposta do monarcha ao repto dos fidalgos. Immensas foram as tentativas dos nobres, mas todas falharam. Os inconsiderados senhores quizeram

então assassinal-o, prender seu filho e acclamar o duque de Vizeu seu cunhado; mas ainda d'esta vez a conjuração abortou, e aquelle dos filhos de Setubal que tivesse boa memoria, recordar-se-ia que oito annos antes do em que se achava e exactamente no dia e mez em que se passavam os acontecimentos discriptos n'este capitulo, vira exposto na igreja matriz de S. Julião, o corpo de D. Duarte (que fora duque de Viseu) a quem o rei apunhalára nas casas de Nuno da Cunha da villa de Setuvell.

Muitos outros nobres foram castigados e nem as ordens sacras livraram o sacerdote de gemer em èscura prisão. Ainda hoje em Palmella se mostra a cisterna em que o bispo de Evora D. Diogo jazeu por muito tempo.

D. Alvaro e seu filho D. Pedro de Athayde tambem tinham entrado na

Digitized by Google

conjuração; o segundo escapou-se para Castella pois que se achava em Santarem na occasião em que rebentára o attentado. A cabeça de D. Pedro, rolou no cadafalso cortada pelo cutello do algoz. Adeante fallaremos ainda n'este personagem.

Dito isto tornemos á nossa historia.

El-Rei D. João II, a Rainha D. Leonor, D. Manuel Duque de Beja, os cavalleiros e domnas começaram a sahir das tendas cerca das dez horas, trajando todos as suas mais ricas gallas.

Mendo admirou-se immenso de vêr, ao que lhe parecia, o convento já prompto, pois que tendo entrado viu o interior todo armado e preparado. A sua admiração porém acabou logo que viu que tudo era de madeira representando assim como havia de ficar depois de concluido. [1]

[1] Vid. a nota 10.ª

Digitized by Google

Conscio da sua pouca importancia e representação na sociedade, deslumbrado pelos ricos trajes das pessoas que acompanhavam o rei; Mendo chegou-se para o pé de um dos altares lateraes esperando d'ali vêr tudo.

D. João tomára assento em uma cadeira de espaldar collocada sob um magnifico docel; os nobres e mais gentes do seu sequito espalharam-se pelas bancadas; a rainha, a fundadora e damas da sua comitiva foram para o coro.

Por um movimento unanime todos ajoelharam; começára a Missa. Mendo ergueu os olhos para o altar-mór e conheceu na pessoa que a celebrava D. Diogo Hortiz Calçadilha bispo de Tanger.

Logo que elle acabou de consumir a hostia, desceu os degraus do altar.

Então os fidalgos dirigiram-se a

Digitized by Google

uma pequena credencia que na egreja estava, tiraram de cima uma toalha, pozeram-n'a ao pescoço do bispo e sobre ella collocaram uma pedra branca em que estava esculpida a palavra *Jesu*.

El-Rei levantou-se rapidamente e acompanhou o bispo descendo ambos as escadas que conduziam ao alicerce.

Aqui é que o alfageme desesperou de todo, os fidalgos e cavalleiros tinham feito uma *parede* em roda da abertura, de maneira que não haviam vistas humanas que podessem devassar o que se passava lá em baixo.

Felizmente Mendo viu um fidalgo velho que era o ultimo a juntar-se aos outros, e por felicidade ainda maior era conhecido d'elle. Em duas passadas o abordou e perguntou-lhe.

—Podeis-me dizer senhor meu, a que vae o senhor rei, entrando para aquella cova.

Digitized by Google

—Deitar as medalhas de ouro no alicerce e collocar a pedra fundamental. Isto faz el-rei em attenção á pessoa da fundadora.—Mas eil-o que volta.

D. João II subiu a escada e appareceu na egreja com as mãos ainda sujas do cimento com que pegára a pedra; um fidalgo correu a elle e offereceu-lhe o tabardo que trazia vestido para que as limpasse, o que elle fez.

Acabado isto tornaram a tomar os seus logares e a missa continuou.

Esta concluiu a final, e todos se se retiraram. O alfageme fez o seu calculo e viu que era pouco mais de duas horas. Arrastando-se conforme poude, lá foi para casa dizendo em voz baixa.

—Está lançada a primeira pedra do mosteiro, praza ao ceu que eu o veja concluido.

Digitized by Google

VIII

1495

A VOLTA DO FUGITIVO

A noute descia triste. . .

A. HERCULANO—*Alcaide de Santarem*

Eram passados quasi dois annos depois do que acabamos de referir no capitulo antecedente.

D. João II, o *Principe perfeito*, como a historia o cognominou, já esjava sob a fria lapide sepulchral do tazigo.

O mosteiro da Batalha tinha visto

Digitized by Google

mais um rei cadaver, transpor-lhe as portas e ir debaixo de suas abobodas dormir o ultimo somno ao lado dos seus antepassados da casa d'Aviz.

Finara-se com D. João II um dos melhores reis que teem subido ao solio de Portugal: «Um homem», como lhe chamava a grande rainha de Castella e Aragão Isabel a Catholica, sua contemporanea e admiradora. [1] Acabára com elle o defensor extrenuo do povo porque o elevou, e acabou com as altivezas dos senhores que tanto o opprimiam.

Leitor, se és portuguez e filho do povo como eu, e se algum dia o acaso te levar ao mosteiro da Batalha, procura o sarcophago que encerra as

[1] Izabel a Catholica, sempre que fallava de D. João II, denominava-o tão sómente «O homem.» Quando soube da sua morte exclamou: «Morreu o homem».

Fernando Diniz.—P. Pittoresco. VOL. I.

Digitized by Google

cinzas de D. João II, curva o joelho ante elle e ergue ao ceu uma oração pela alma do primeiro rei que deu os foros de livre ao povo portuguez.

Um novo monarcha cingira o diadema lusitano. Era D. Manuel, a quem os feitos gloriosos dos nautas e as audazes conquistas dos guerreiros grangearam o titulo de *Venturoso.*

D. Manuel, a quem o Gama deu mais um sceptro, Cabral um opulento senhorio, e Bernardim Ribeiro um enamorado e bello canto.

N'uma tarde, ou melhor dito, n'uma noite do mez de dezembro de 1495, em que a chuva cahindo a cantaros e impellida pelo vento, açoutava as adufas dos predios dos habitantes de Setubal, em que o Ceu toldado por densas e escuras nuvens transformava o dia em tenebrosa noite, Mendo Alvares com meia porta da sua loja aberta, contava aos aprendizes,

Digitized by Google

a quem o mau tempo impedia de trabalharem ou voltarem para suas casas, a historia d'um milagre que ao fazer das obras do convento de Jesus succedera.

—No mais alto do andaime trabalhava Pero o pedreiro, homem bom e justo; era ao cahir da tarde e o sol já começava a privar-nos da sua luz e brilho. Pero arranjava seus pertences e dispunha-se a descer quando o pé lhe falta e o pobre homem rola por ali abaixo como um pedra lançada do alto e com força, pelo braço robusto do fundibulario. Graças porém ao Senhor Deus, poude Pero conservar a sua rasão e exclamar: Jesus valei-me. Nada vos digo filhos; o chão recebeu o corpo de Pero são e escorrecto, quando seus companheiros esperavam vel-o feito em migalhas.

Os aprendizes dispunham-se a responder, mas um homem que correu

ao mestre e o abraçou, d'isso os impediu.

—Senhor D. Alvaro, disse o velho de mansinho e atemorisado, vós aqui?

—É verdade, bom Mendo, volto emfim ás terras de Portugal depois de um longo e penoso exilio.

—Não tendes medo que vos persigam?

—Não. O braço que me podia ferir, jaz inerte n'um dos tumulos de Santa Maria da Victoria. [1]

—Foi um bom e grão rei, esse que ahi jaz, Dom cavalleiro,

—Não serei eu que o condemne ou absolva, nossos filhos d'isso se encarregarão, eu d'elle não direi al; quando d'elle me lembro parece-me que o vejo ainda com as vestes retin-

[1] É este o nome do mosteiro vulgarmente chamado da Batalha.

Digitized by Google

tas no sangue de meu filho. Pobre mancebo.......

Mas eu deliro...... não, não foi D. João II que o assassinou, fui eu, eu que o ensinei a desobedecer ao rei; eu que lhe quiz armar a mão com o ferro regicida. Castigo de Deus!

—Que bem chorei sr. D. Alvaro, quando tal soube. D. Beatriz, essa ficou quasi louca quando lhe constou tal morte e ainda hoje não falta dia nenhum á missa, a que assiste toda vestida de branco, em signal de luto.

—Amavam-se muito; de pequeno o meu Pedro a conhecera; affeições da infancia transformaram-se em amor ardente quando chegou a puberdade; viam-se sempre; a entrada do meu Pedro na conjuração era uma prova d'esse amor; queria mostrar á filha que tinha no futuro marido um campeão senão para defender ao menos vingar seu pae. Infelizmente persegui-

Digitized by Google

do, quando o plano falhou, ainda assim D. Pedro poude ir dizer o ultimo adeus á sua amada. Foi na occasião em que elle voltava, que os aguazis valendo-se da noute, de surpresa o agarraram.

—Talvez assim fosse melhor, senão a sua vida sería um inferno continuo; ella nunca o desposaria; donzella de brios e sabença. . . . mas não fallemos em tal.

—Olhae mestre, o acordar-me d'isso faz-me perder a cabeça. Deixemos o morto em paz; que o Senhor se compadeça da sua alma.

—E a Virgem Santa da Conceição, de quem elle tão devoto era, accrescentou o alfageme.

Alvaro ficou meditabundo, a cabeça pendente para o peito, os olhos apresentavam uma luz baça, as faces empallideceram-lhe como as de um cadaver.

Digitized by Google

O mestre tambem por um bocado de tempo ficou silencioso, mas depois arrastado pelo seu genio curioso e querendo distrahir o fidalgo da tristeza em que o via immergido, dirigiu-lhe a palavra.

— Contae-me a vossa historia, sr. de Athayde, e offereceu-lhe um escabello, sentando-se depois n'outro.

O nobre limpou com a ponta do tabardo os olhos orvalhados pelo pranto, apertou com a mão o peito no sitio do coração, para lhe impôr silencio, como quem não queria que sahissem palavras de dôr da boca que se hia abrir para a conversa, quando melhor o faria para o queixume; ergueu lentamente a cabeça e começou com uma voz pausada, triste e cavernosa, como se fosse a de um espectro, que estivesse revellando os sygillos das campas.

Digitized by Google

—Logo que vi frustrada a tentativa de assassinio contra D. João, e conhecendo o perigo que corria, fugi de Santarem para Castella, onde me escondi receoso sempre de em publico me mostrar.

—Porém vós estaveis seguro, era um outro reino.

—E não era Avinhão terra franceza? mas deixou por ventura o punhal do assassino de ir lá buscar a vida de um dos conjurados? Deixade-vos d'isso, mestre, D. João não sabia de mim senão eu teria sido morto tambem.

O mestre escutava attento as palavras de D. Alvaro; os olhos fitos n'elle só se desviavam para vêr o que faziam os aprendizes.

—Deus quiz, porém, apezar da minha falta de religião e peccados, conceder-me tempo para eu me arrepender e permittir que os meus restos

Digitized by Google

sejam enterrados em terra portugueza.

—Graças lhe sejam dadas, senhor; e dizei-me porque voltasteis a Portugal?

—Lá irei mestre, lá irei, tenho uma gram historia a contar-vos.

—Esperae um pouco, que eu vou fazer andar para a rua estes rapazinhos.

—Olá, gritou elle, descendencia de Belzebuth em carne e osso, está passada a chuva. Deus vos acompanhe.

Apezar da interpellação ser pouco agradavel, os aprendizes não quizeram ouvir mais, similhantes ao novilho que encerrado por muito tempo no curro, ao abrirem-lhe a porta corre veloz a gosar a liberdade, assim elles em quatro passadas transpozeram o pavimento da loja e desappareceram.

Digitized by Google

O velho volveu a sentar-se junto de D. Alvaro de Athayde, que continuou a sua narração.

Digitized by Google

VIII

. . . Começou da seguinte maneira a sua narrativa.

A. HERCULANO—*O Alcaide de Santarem.*

Por terras de Castella andava eu vagabundo; de dia errando por entre bosques e devezas, e apenas da noute é que entrava nas povoações a pernoitar n'alguma obscura *fonda*, que abandonava apenas os primeiros alvores do crepusculo matutino, offuscavam a claridade das estrellas, para continuar meu caminho.

Digitized by Google

Foi assim que penetrei na antiga *Toletum*, e admirei a celebre porta *del Sol*, em que o astro de que ella tem o nome, batendo de chapa nas suas arabescas cantarias e nos seus sumptuosos relevos fazia parecer a entrada de um palacio de fadas.

Foi por esta guisa que eu me extaziei ao avistar a Halhambra e o Generalif de Granada, cidade que Gonçalo de Cordova pouco havia que conquistára (1492).

Sentei-me nas margens do Xenil, admirando aquellas agulhas de marmore que a mão industriosa do alarabe tentou fazer tocar nos Ceus.

Ali, á claridade da lua que batia de soslaio na face do rio, aspirei o suave perfume das laranjeiras dos proximos campos, aonde a formosa violeta se envolve para occultar sua modestia. Quanto eu gozei! Parecia-me

Digitized by Google

estar transportado a um local magico.

Lamentei então a sorte de Boabdil,[1] ultimo rei da formosa Granada, que a sorte infeliz obrigára a entregar nas mãos dos castelhanos aquelle eden semeado de flores pela mão do Senhor.

—Muito caminhastes, senhor meu, disse o mestre, que boqui-aberto ouvia a narração do proscripto.

—E não foi só isto que eu vi; mas do que conservo mais gratas lembranças, é dos encantos d'aquella porta, e das horas passadas a escutar o murmurio das ondas d'aquelle Xenil, que a imaginação me fazia parecer os lamentos dos agarenos privados do que tanto estimavam. Mas assim era preciso, proseguiu D. Alvaro, depois de um peque-

[1] Vide a nota 9.ª

Digitized by Google

no momento de descanço e meditação.

—Deus o queria! era necessario que a mesquita, usurpadora do logar da cathedral gothica cahisse, para o templo christão se tornar a erguer.

Era necessario que o ministro do verdadeiro Deus fizesse ouvir a sua voz, prégando as santas maximas do Evangelho, ali aonde o alfaquih musulmano chamára o povo a escutar a sanguinolenta lei do Koran.

A meia-lua que momentaneamente avassalára as terras da cruz, devia restituir-lh'as. Roderic, fugindo á perseguição de Tarik, depois de derrotado nos campos do Chryssus [1] foi bem vingado pelas lagrimas que no monte Padul, [2] Boabdil verteu quando

[1] Gualdelete.
[2] Monte em frente de Granada.

Digitized by Google

viu Isabel e Fernando arrebatarem-lhe a corôa.

—Não sei, sr. D. Alvaro, disse o mestre, se todas essas bellezas vos não farão querer antes ser castelhano que portuguez.

—Oh! isso nunca! mestre; bradou D. Alvaro erguendo-se como se fôra mordido por um aspide, e apertando os copos da fina lamina que lhe pendia ao lado.—Portuguez primeiro que tudo, e se por mal-aventurança um dia tivesse de curvar a cerviz a extranhos queria fazel-o a toda a nação, menos á castelhana.

—Mui bem fallaes, senhor meu; interrompeu o alfangeme assustado um pouco pelo tom do nobre cavalleiro. Mas este serenou e tomando a sua antiga postura, continuou dirigindo-se ao velho.

—Julgaes que no meio de taes ma-

Digitized by Google

ravilhas não me lembrava da patria? Enganaes-vos. A novidade é que me extasiava; por essa Alhambra não trocava eu a Batalha, pelo Generalif não dava os Paços de Santa Cruz de Coimbra. A cristallina corrente do Darro,[1] não vale a onda magestosa do aurifero Tejo. Se nas margens do Xenil se aspira o perfume das alvas flores de larangeira, aqui mesmo n'esta villa, nas praias do Sado, vem egual aroma embalsamar a atmosphera. Se lá, sob o ceu de Castella, a brisa nocturna me segredava «encanto», os sons que solta a harpa dos zephiros em Portugal dizem-me «patria»; aquella fallava-me á imaginação, estes vibram-me n'alma.

O fidalgo ficou por um instante callado. Mendo aproveitou-se d'essa

[1] Outro rio que banha a cidade de Granada.

Digitized by Google

pausa para fechar a porta e accender uma vella que allumiou frouxamente o aposento.

Foi D. Alvaro que quebrou o silencio e recomeçou a fallar.

Digitized by Google

IX

CONTINUAÇÃO

> Com a sua habitual impassibilidade. . . proseguiu.
>
> A. HERCULANO—*O Alcaide de Santarem.*

—Achava-me nas proximidades de Gandia,[1] capital do ducado do mesmo titulo, quando ouvi dizer que ali se esperava de Portugal a ama d'El-Rei D. Manoel que vinha buscar freiras para o convento de Jesus.

—Já vos conto a cerimonia, interrompeu o Alfageme.

[1] Vid. a nota 10.

Digitized by Google

—Tempo temos, ouvide. Dirigi-me a Gandia disfarçado, e já lá encontrei Justa Rodrigues. Dei-me a conhecer a alguns cavalleiros que na comitiva vinham, pelos quaes soube a morte de D. João II, e confirmaram o motivo da vinda da ama do rei. Deixei pois o meu disfarce e presenciei a maneira pomposa com que Justa foi recebida, pelo duque e duqueza. Contaram-me depois na volta de lá um caso succedido a Ama.

—Curioso estou de ouvil-o.

—Disseram-me que no caminho ella se topára com o padre fr. Francisco Sanson, geral da ordem seraphica, a quem pediu lhe désse cartas para o duque e abbadessa do convento. Que pensaes que fez o frade?

—Deu-lhas?

—Nada. Deu-lhe mas foram umas falsas, em que chamava a Justa...

Digitized by Google

estrangeira, e que não se fiassem n'ella. [1]

—Afóra as ordens, exclamou o mestre acceso em ira, era aleivoso e máo homem o frade.

—Olhae a excommunhão mestre.

—Não a temo quando digo a verdade.

—Ouvide mais; Justa Rodrigues por um presentimento secreto, d'accordo com a duqueza, abriu as cartas antes de as entregar ao duque e conhecendo o engano forjaram outras, que entregaram, obtendo o fim desejado.

—Boffé que foi bem feito.

—Vieram pois sete madres, de cujos nomes me não accordo.

—Sei-os eu, atalhou repentinamente o mestre; são soror Coleta Ta-

[1] Este facto é contado por soror Leonor no seu livro sobre o convento de Jesus.

Digitized by Google

lhada, que veiu por abbadessa; soror Johanna de Deus, vigaira (vigaria?); soror Magdalena Torrelha; soror Agueda, soror Clara, soror Fransina, e soror Peroila,

—A'-la-fé que tendes boa memoria.

—E ainda melhor vos contarei a cerimonia da recepção, se a quizerdes ouvir, e outra tambem aqui feita, exclamou o mestre, contente como o discipulo a quem o professor gaba por ter sabido a licção.

—De boa mente; a vós toca agora fallar, que eu hei já bastante dito.

O mestre começou assim:

—As sete madres cujos nomes disse, chegaram a Setuvell acompanhadas de sua alteza o sr. rei D. Manoel, e os de sua côrte, a fundadora e outras graves e honestas pessoas, sendo recebidas de cruz alçada, pelos

Digitized by Google

clerigos frades e homens bons d'esta villa, que com toda a devoção as conduziram ao convento.

—E são só essas sete que no mosteiro estão?

—Senhor não; já vos conto outra cerimonia que houve aqui em onze do mez de S. João, dia do Apostolo S. Barnabé; em o anno passado. Seis donzellas de sangue illustre, pertencentes ás casas das rainhas nossas senhoras e mais uma nossa conhecida, senhor D. Alvaro.

—Quem era?

—Pertencia á casa de Bragança...

—Ah! foi Beatriz!—disse tristemente o fidalgo,—fez bem em recolher-se ao mosteiro, ali cerrando as vistas a tudo que é mundano, ella purificará sua alma e gosará na eternidade, visto que soffreu na terra, que assim nol-o ensina a religião.

O mestre proseguiu:

Digitized by Google

—Disse-se uma missa, e acabada a qual depois um bocado, foram ellas trazidas pelas mãos de differentes nobres pessoas, até ás portas do convento, que de proposito se tinham fechado. Bateram então com toda a cerimonia e ellas se abriram, apparecendo as sete fundadoras com candeias [1] accezas nas mãos, e no meio d'ellas se erguia um rico crucifixo; então pela seguinte ordem fizeram entrega das donzellas as pessoas que as conduziam pela mão; o primeiro foi el-rei D. Manoel nosso senhor, seguiu-se a rainha nossa senhora, o arcebispo de Lisboa D. Martinho, a sr.ª infante D. Beatriz mãe do sr. rei, a duqueza de Bragança, o sr. D. Jorge duque de Coimbra; o ultimo que deu a sua foi o condestavel d'estes reinos, D. Affonso, filho natural do duque de Vizeu. Era mui-

[1] Assim se chamavam as vellas de cera.

Digitized by Google

to para vêr a casa d'el-rei toda formada com gallas e louçanias, os religiosos de diversos conventos e muito povo. Houveram prantos, e ternuras como ainda não vi al. Agora dizei-me, senhor dom cavalleiro, quereis ír ámanhã vêr o convento.

—Iremos mestre; agora vou em casa de D. Manuel de Vilhena, visto que já é noute, a pedir-lhe abrigo e pouzada, ámanhã é domingo e cedo aqui virei.

Não vos offereço a minha moradia que bem tosca é para um fidalgo da vossa linhage.

—Graças mestre; que Deus Nosso Senhor vos guarde.

—A luz da graça vos allumie e acompanhe, senhor D. cavalleiro.

O fidalgo partiu e o mestre foi tratar de dormir, cousa que o leitor talvez já tenha feito ao ler isto.

Digitized by Google

X

CONCLUSÃO

> Era um d'estes formosissimos dias de inverno mais gratos que os de estio por que são de esperança.
>
> A. HERCULANO.—*A Abobada.*

O sol no dia seguinte apparecera magnifico, e o leitor sabe quanto é bello no nosso clima um dia de inverno, em que o globo de fogo rutilla na massa etherea, desacompanhado de nuvens.

Dias que só os gozamos nós os filhos d'este velho Portugal, que a na-

Digitized by Google

tureza se esmerou em fazer grande, em homens e coisas.

E temos firme crença que ainda um dia o nosso paiz hade occupar o seu antigo logar entre as nações.

Os recursos não se lhe esgotaram de todo; se já não ha montantes que abolem capacetes e escudos de infieis, ha ainda os mares por aonde navegou Vasco da Gama, Pedr'Alves Cabral e Fernando de Magalhães.

Haja embarcações; existem ainda descendentes

D'esses bravos mareantes
Elles sabem como dantes
As manobravam seus paes.[1]

Ha ainda territorios aonde a terra produz mesmo sem cultivação, assim haja quem os aproveite.

Mas basta; não estou escrevendo

[1] *O Pavilhão Negro*, do illustre poeta Mendes Leal, Junior.

Digitized by Google

considerações politicas; este escripto será tudo menos isso.

O instrumento é fraco e quebraria por falta de saber.

Era de manhã cedo. A chuva da noite enchera as covas do largo de Jesus, e a esses pequenos lagos accudiam chilrando as avesinhas.

Os debeis troncos e vergonteas das arvores brilhavam como christalisados; e as gotas d'agua suspensas n'alguma folha, escapada ainda ao vento furioso do sul, pareciam diamantes sustidos alli por um capricho.

Mestre Mendo e o hospede atravessaram o largo, admirando quanto a Providencia é prodiga em dotar a terra de encantos para o homem gosar.

Saudaram o astro fecundador que lá ao longe espargia palhetas de ouro, em magnifico manto de luz, detiveram-se

Digitized by Google

para ouvir os gorgeios dos passarinhos e contemplaram os surprehendentes effeitos da agua e do sol, espalhados pelas arvores do campo.

Chegaram ao mosteiro.

Entraram na egreja. Um ambiente de doçura e suavidade respirava-se lá dentro. No templo embalsamado pelo odor das flores e do incenso, resoavam os canticos sagrados das virgens do Senhor.

Aquellas vozes harmoniosas como o trinar dos rouxinoes em virente manhã de abril, amenas como a brisa que ao sol posto divaga pelas varzeas em tarde de primavera, simillhavam um hymno entoado pelos anjos, que das alturas do ceu tivessem baixado áquella mansão de paz.

Por mais que os dois olhassem para o côro a ninguem viam; era vedado a olhos profanos, devassar o mysterioso recinto onde ellas conquistavam

Digitized by Google

na solidão do claustro, nas macerações do espirito, nas praticas da vida ascetica, o seu logar na eternidade.

Que bello templo, que magestoso logar! Atravez os vidros corados da janella grande da capella-mór, jorravam torrentes de luz que reflectiam de soslaio nos degraus do altar-mór, atapetando-os d'uma tapeçaria phantastica de mil côres, mais bella que as de Stambul.

Os magnificos ornatos da tribuna da capella mór brilhando de ouro, lançavam de si com o reflexo das luzes que ardiam em riquissimos castiçaes e tocheiros, raios que formavam uma vistosa aureola em volta da imagem da Virgem e das armas reaes portuguezas. No fundo alvejavam os degraus da tribuna.[1]

Como de proposito, as armas do

[1] Na primitiva a tribuna era de pedra.
Ms. de Soror Leonor.

Digitized by Google

duque de Beja collocadas em frente da janella, luziam caprichosamente, querendo egualar as do reino, confundindo-se quasi com ellas.

O pavimento da capella-mór, de vistosos marmores de côr, era devidido do corpo da egreja por uma balaustrada de madeira preciosa, artisticamente lavrada.

Do chão do corpo do templo, erguiam-se de cada lado tres columnas de côr vermelha, similhando cada uma tres corpulentas cobras que enroscadas se debatiam, e se elevavam até á abobada ornada de ribetes ou artesãos da mesma pedra; junto á cimalha e em volta do templo, viam-se diversos quadros, primores d'arte do pincel d'abalisado pintor; [1] no fundo da egreja estava o côro onde sobresahia um quadro negro, por detraz do qual as freiras oravam.

[1] Vide a nota 13.

Digitized by Google

A harmonia celeste que ressoava no templo, os canticos das servas de Deus, calavam no coração do proscripto como um balsamo de consolação.

Uma lagrima furtiva deslisou-se-lhe pelo rosto, que o sol ardente da Peninsula requeimára e que as privações do exilio tornára macilento. Esta lagrima queria dizer «perdão.»

O orgulhoso fidalgo d'outro tempo, o descrente, rojava-se agora nas lageas do templo do Eterno reconhecendo o poder do Creador e a fraqueza da creatura.

O velho, esse agradecia a Deus em muda oração, o tel-o deixado viver, para que o fidalgo visse as verdades do Omnipotente realisadas, e o mosteiro completo.

Depois da resa sahiram do templo.

D. Alvaro apertou a mão callosa do alfageme; podia apertal-a; aquella nunca empunhára o gladio rebelde,

Digitized by Google

nem o punhal do traidor; era a mão franca e leal do operario honrado, honesto filho do povo.

—Adeus mestre Mendo; sellado e bridado tenho o meu ginete, vou-me por ahi fóra. Deus vos dê felices dias cá na terra e eterno repouso na bem-aventurança, e se o destino nos não tornar a unir; até ao dia do final juizo.

—Adeus senhor D. Alvaro... nada mais poude dizer o velho; o coração oprimiu-se-lhe ao pensar na sorte talvez bem desgraçada que aguardava o cavalleiro.

Despediram-se. De D. Alvaro ninguem mais soube. [1]

. . . .

Passados annos, quem entrasse no mosteiro de Jesus, encontraria todos os dias a hora certa, ajoelhado sobre uma lapida em que estava esculpido

[1] Vide a nota 14.

Digitized by Google

esta simples inscripção—*Sepultura de Mêdo aluares*—um homem idoso de feições rudes e com a face horisontalmente devidida pela costura de uma cicatriz.

Sabeis quem era este homem, leitor?

O bésteiro Aleixo, que depois de ter contribuido, como muitos outros soldados, para a gloria do pendão das quinas, nos areaes ardentes da Africa, nos plainos encantadores da America, e nos campos opulentos da Asia, só achára em premio de seus serviços e honradez, os restos da escudella e do pichel do alfageme.

Generosa recompensa da patria!

O reinado de D. Manuel foi a edade de ouro de Portugal, é verdade; mas esse ouro só serviu para presentear papas e enriquecer frades, em vez de remunerar os trabalhos e nobres feitos de homens dedicados.

Attestam-no Albuquerque, pedindo

Digitized by Google

no momento de expirar, um pedaço de pão para seu filho; Almeida, morrendo entre os cafres na obscuridade; Pacheco succumbindo ás torturas da fome n'um hospital!

Digitized by Google

XI

FINAL

> E a casa do Senhor
> Ergueu-se. . . . . . .
>
> A. HERCULANO—*Poesias*

. . . .

O mosteiro ergueu-se, e mais de tres seculos teem perpassado junto d'elle, imprimindo-lhe o cunho da vetustez.

Milhares de gerações teem vindo orar sob suas abobadas, ou esconder-se debaixo de suas pedras sepulchraes; e elle sempre respeitado e de pé.

Digitized by Google

Houve um dia em que elle se assustou; foi quando viu seu irmão derrubado, foi quando abriu suas portas para dar guarida a umas pobresinhas expoliadas e ouviu ao longe o sinistro embater do camartello e do alvião, nas paredes dos claustros da casa do Senhor; esperava a mesma sorte, mas nenhum outro a teve em Portugal! [1]

Oxalá que um dia a mão destruidora do vandalo d'esta época não se lembre de fazer do seu recinto uma praça de touros, ou como Antiocho, nos banquetes e orgias vir profanar seus vasos e alfaias.

. . . .

E o mosteiro ergueu-se!

Que o homem o respeite, e se não fôr assás generoso para o reparar, quando seus restos se demolirem pelo

[1] Vide a nota 15.

Digitized by Google

sopro gastador dos seculos, não se anticipe em desempenhar os encargos d'elles.

Que inteiro ou destruido, esse templo conserve sempre vestigios do antigo poder d'este reino; é uma pagina de pedra das livro das nossas tradicções.

Eis os sinceros votos que fazemos em prol do Mosteiro de Jesus da cidade de Setubal que a piedade ergueu ha tresentos e setenta annos: praza a Deus nos não façam ainda um dia lançar um brado de reprovação, contra os homens sem coração e sem crenças que tem reduzido a ruinas quasi todos os monumentos do paiz.

Digitized by Google

NOTAS

I a pag. 5—O frade propheta

O *Sanctuario Marianno* conta no 2.° vo lume, que pouco antes da fundação do mosteiro de Jesus, viera a Setubal o frade a que nos referimos, se elle era ou não propheta não o sabemos; se será uma invenção do author tambem ignoramos; o que podemos affirmar, e o leitor certificar-se quando quizer, é que o mosteiro foi edificado; do frade não alcançamos mais noticia alguma com que possamos satisfa zer a sua curiosidade.

Digitized by Google

Só lhe advirtiremos, qne não confunda este frade barbadinho. (falso ou verdadeiro) com os barbadinhos francezes, e que elle não era de nenhum convento de Portugal. Pois que, se realmente existiu, suppomos que viria d'Italla a este reino, com tenção de passar ás terras recentemente descobertas, para implantar ahi a divina religião de Christo. A ordem a que elle pertencia só se congregou em Lisboa no anno de 1686.

II a pag. 6—D Jorge e seu tumulo

Figurámos na bocca do frade aquella prophecia porque ao escrevermos aquelle capitulo ainda nos dominava a impressão do que viramos na ex-igreja do convento dos freires de Palmella.

Diremos primeiramente duas palavras ácerca do filho natural de D. João II, depois tocaremos no outro assumpto.

D. Jorge, como dissemos, era fructo dos amores de D. João II e de Anna de Mendonça, e nascera em Abrantes, aos 12 de agosto de 1481. O rei estimou-o tanto que o fez educar no paço junto com seu filho legitimo D. Affonso, que morreu joven, da quéda de um cavallo, nas margens do Tejo.

Digitized by Google

Quando se viu privado de D. Affonso, D. João II desejou immenso fazer herdeiro da sua corôa D. Jorge, o que nunca poude conseguir. Tinha este apenas 11 annos quando foi por Innocencio VIII nomeado Mestre da Ordem de Santiago e administrador da de Aviz.

D. Manuel, o *Venturoso*, seu primo (e successor de D. João II) fel-o duque de Coimbra e senhor de Setubal, Monte-mór-o-Velho, Penella, Torres Novas, etc., etc.

A 31 de maio de 1500 casou com D. Brites de Vilhena, sobrinha do infeliz duque de Bragança, depois de D. Manuel ter impertrado do papa Alexandre VI licença para todos os cavalleiros das ordens militares poderem casar.

D. Jorge na qualidade de mestre das ordens de Santiago e Aviz, celebrou diversos capitulos, dois dos quaes merecem mais particular menção. No primeiro celebrado em Palmella (então cabeça da ordem de Santiago), fizeram-se os estatutos d'aquella ordem; no outro, reunido em Setubal no mez de agosto de 1515, fizeram-se os estatutos da de Aviz. D. Jorge foi o fundador do convento de S. João Baptista de Setubal que pertencia ás freiras da ordem de S. Domingos. Este convento no qual professaram trez filhas suas, começou-se a edificar em 15 de agosto de 1529.

Digitized by Google

Não é para a nota d'este opusculosinho dirigirmos censuras a ninguem; mas só desejavamos nos dissessem o motivo porque tendo os conventos de freiras sido conservados em todo o reino, o mosteiro de S. João foi o unico que destruiram e saquearam; retalhando os bens das freiras, pondo a propriedade em hasta publica, fazendo do claustro praça de toiros, e obrigando as monjas a irem abrigar-se em casa de seus parentes, e as que os não tinham, a pedir a suas irmãs em Jesu-Christo, um boccado de pão para matarem a fome, e uma enxerga no canto de qualquer cella, aonde podessem repousar o corpo!

Repetimos qual foi a razão porque de todos os mosteiros apenas (?) este se destruiu.

....

O tumulo de D. Jorge, a que nos referimos, é de marmore magnifico, e acha-se mettido n'um nicho, do lado da epistola, na ex-egreja de S. Thiago, que pertencia aos freires da dita ordem, em Palmella. Tem na parte superior, e encravado na parede interior do nicho, o brazão d'armas (de marmore branco) do infante, cortado pela faxa que indica a bastardia.

Não sei quem teve a malevola lembrança de levantar a tampa do sarcophago; mas estamos persuadidos de que quem o fez tinha na mente encontrar ali algumas pre-

Digitized by Google

ciosidades; porém como nada achasse dei-xou o tumulo arrombado, exposto ao tempo, e ás profanações que lhe queiram fazer.

Porém não foi só o tumulo que soffreu, participou a sorte da sumptuosa egreja que foi profanada, e ainda ha pouco tempo servia para.... guardar cabras; o pulpito, magnifica peça de páo santo, foi ha muito apeado para engaiolar um passaro que *alguem* ali teve. Duas das magnificas columnas da capella mór foram destinadas para *columnas* de outra *ordem*.... Finalmente, todas as partes d'aquelle riquissimo templo teem levado descaminho.

O mausoleu ainda não ha muito que o vimos, e declaramos que ao metter as mãos no seu interior e ao tocarmos no craneo do infante, um movimento de indignação nos agitou os membros.

Que vergonha!

Que se dirá ao forasteiro quando perguntar que ossos são os que encerra aquelle monumento?

Que irá dizer para o seu paiz, o estrangeiro, do *amor* que em Portugal se tem pelas reliquias dos homens illustres.

O governo podia fazer transportar aquelles venerandos ossos para o jazigo de S. Vicente, livrando-os das injurias do tempo e das dos vandalos, ainda mais damninhas.

Digitized by Google

Já n'alguns jornaes pedimos isto; alguem mais auctorisado veiu corroborar o nosso alvitre, e subscrever o nosso pedido; mas infelizmente, nem a eloquente voz que no *Archivo Pittoresco* se ergueu, nem a nossa foram attendidas, e tudo jaz no mesmo estado!

III a pag. 13—O prégador

Cumpre-nos advertir que a discripção physica do frade prégador é pura ficção, pois que como já dissemos, nada escripto ácerca d'elle encontrámos, a não ser o que referimos na nota I.

IV a pag. 23—Justa Rodrigues Pereira

Por mais que trabalhassemos para colligir apontamentos afim de apresentar aos leitores minuciosidades ácerca d'esta personagem, pouco d'ella achámos que possamos dizer. Já antes de nós pessoa, senão mais, pelo menos tão empenhada em saber noticias d'ella, se queixava d'esta mesma escacez [1]

É sabido por todos os que tiverem conhecimento mais amplo da historia dos nossos reis, que Justa foi ama do duque de Beja,

[1] Vide o M.º de Soror Leonor de S João, existente na Bibliotheca Publica, e no Mosteiro de Jesus.

Digitized by Google

(depois D. Manuel I), que nasceu em Alcochete aos 31 de maio de 1469. Era irmã de Nuno Cardoso Pereira, *veador* do infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V. Tudo nos diz ser esta familia de nobre linhagem; o cargo que Pereira exercia, a honra que a sua irmã coube, e o ter sua mãe, depois de viuva, professado no convento de Abrantes, aonde não eram admittidas senão pessoas de illustre familia, chegando além d'isso a mãe de Justa a ser prioreza do dito convento, cargo em que morreu.

Teve Justa dois filhos (ignorâmos o nome e posição de seu marido), um d'elles D. Nuno Manuel, foi mordomo-mór de D. Manuel; do outro não temos noticias.

Depois de viuva resolveu-se Justa a tomar o habito, o que fez no convento de Jesus.

Não quiz nunca acceitar o cargo de abbadessa; quando morreu foi enterrada, por distincção, na casa do capitulo, aonde jaz ao lado de sua mãe (cujos ossos fizera transportar de Abrantes), sob uma campa cuja simplicidade, bem como a do epitaphio, provam bastante em favor da humildade de Justa.

AQJ. JAZ. A FUNDADOURA. DESTA. CAZA.

Eis-aqui o que podemos colher a respeito

Digitized by Google

da fundadora do Mosteiro de Jesus, e quasi podemos affirmar senão avançará mais.

V a pag. 24—Doação de Alvaro Dias

Como dissemos já, o terreno aonde se edificou o convento, era primeiramente occupado por marinhas, porém com o andar dos tempos nada produziam por falta de cultivo.

Succedeu D. Affonso V mandar em 1444 a Setubal um seu corregedor, Pero Affonso, de Santarem, e a camara lhe relatou o estado em que aquelle sapal se achava, pôl-o este á venda, e foi comprado por Alvaro Dias, passando-lhe o corregedor carta de sesmaria, etc., etc. Cultivou elle o terreno, plantando uma horta e vinha.

Quando morreu Alvaro Dias legou a terra á freguezia de Nossa Senhora da Annunciada. Passado tempo, Justa, querendo fundar o convento, comprou ao hospital da Annunciada o terreno e fóros, dando-lhe tambem o infante D. Fernando um pedaço de terra que n'aquelle sitio possuia.

O testamento em que Alvaro doou á Annunciada, o terreno em questão, acha-se no cartorio do hospital, aonde nos foi patenteado por obsequio do illm.º sr. José Maria Duarte Nunes. Aproveitâmos a occasião para novamente lhe agradecer tal favor.

Digitized by Google

VI a pag- 25—Renda das terras

Que D. João II mandou escrever á confraria, como figurámos, elle promettêra á ama verdade é, pois que no catalogo das cartas que diversos reis, pessoas da familia real dirigiram á confraria sobre tal assumpto, lá se acha apontada a missiva de El-Rei; dizem-nos porém, que ella ha muito desappareceu.

Mais tarde a rainha D. Leónor escreveu tambem á confraria renovando o pedido, pois que houveram certas pendencias entre a ama e os confrades por causa dos fóros. Eis a carta de D. Leonor na sua integra, e que se conserva no cartorio supracitado :

«Juizes e confrades. Nós a rainha vos envejámos muyto saudar o amado duque noso muyto amado e presado irmão nos enviou ora dizer como estava concertada con Gomes Lourenço sobre a compra de huma orta que hé foreira a essa Confraria e por quanto sua escriptura daforamento dizia que non podesse vender a pessoa milhor que sy que vôs pediram para isso licença e vôs lha queseres dar pedindonos por quanto queria aver todavia a dita orta com vosso prazer e pruveito da dita confraria que vôs quizessemos sobressa escreuer a que a nós polla booa vontade que lhe teemos e obli-

Digitized by Google

gaçom em que lhe somos (?) E por bem vôs rogamos e encomendamos muyto que pella.... (?) ella ser tall que tda boobra vôs sabria sempre bem conhecer vôs praz a entregardes lhes a dita licença e consentimento nesta maneira II que a dita ama vôs de oforo da dita orta em outra cousa e um homem da terra nam podrozo mas tall de que ha bem posaes aver. E mais lhe praz por seruiço de Nosa Snra a acrescentar sobre o dito foro trinta reis por anno que he cousa booa e com que vôs muyto aveis folgar. E de ha asy fazerdes como de nós esperasmos sem escuza algum allem de ser couza justa nós vollo agardecemos e teeremos muyto em serviço. Escrita em Beja a 12 de Dezembro — Rui de Pina afez em 1488—Raynha—Apostilha....? aos Juizes e Confrades danunciada sobre este foro da orta que....? ama do duque.»

Justa Rosa depois de solvida esta difficuldade continuou comprando para o convento as terras proximas, pois que ainda em 1503 apparece um alvará de D. Manuel que concede a mestre Gill, seu solorião, licença para poder trespassar em o mosteiro de Jesus, o sapal proximo que elle e sua mulher traziam «emprazado em fatiota» pelos Confrades de Santa Maria Annunciada.

Depois d'este documento não nos consta apparecesse mais nenhum, ficando termi-

Digitized by Google

nado todo o pleito, e pertencendo ao mosteiro todos os campos visinhos.

VII a pag. 27—Os quadros

Para irmos com a voz quasi geral é que figurámos D. João II prometter a Justa que Grão Vasco seria o pintor dos quadros do mosteiro.

Temos porém restricta obrigação de aqui declarar que não é essa a nossa opinião; definitivamente não se póde dizer por quem elles foram feitos, os dados porém que temos colhido de ha muito nos convenceram que não são obra de Vasco. Soror Leonor de S. João, no seu Tratado x, por ella composto em 1630, e a que differentes vezes temos alludido, diz o seguinte:

«deu (D. Manuel) mui ricos retabalos que com os que deu a Raynha Dona Leanor sua Irmã ()» ... e mais abaixo—«que se podem ver assi Ricos como deuotos *mandados de presente pello emperador Maximiliano* primo dos ditos Rey e Raynha.»

Por isto se vê que os quadros foram presente do imperador de Allemanha, e talvez mesmo obra d'elle, pois que segundo temos lido, foi principe muito dado a este ramo das bellas-artes.

O conde de Raczynski, na sua obra

Digitized by Google

«Diction. Hist. Art. de Portugal, diz o seguinte, que traduzimos:

«Na Chronica Seraphica da Provincia dos Algarves lê-se o seguinte: — Frei D. Manuel deu a esta egreja (do convento de Jesus), ricas pinturas, e accrescenta, seguindo sempre a chronica —«estas pinturas consistem em 19 tellas ou quadros, dos quaes alguns representam santos da Ordem de S. Francisco e assumptos da Paixão. Foram presente da rainha Isabel (aliás Leonor) irmã do rei (D. Manuel) que os *recebera como presente particular do imperador Maximiliano, seu primo.*»

«Diz-se (continua o conde) que estes quadros são obra de Grão-Vasco, mas não ha *documento algum que o prove*, emquanto que se sabe positivamente que foram dados a este convento pelos reis seus protectores D. João e D. Manuel.»

Já se vê que o author da Chronica a cuja authoridade se soccorre o conde de Racuynski é da mesma opinião de soror Leonor, esta provavelmente não avançava tal asserção (ella que tão minuciosa e verdadeira é) se se não baseasse n'algum manuscripto que provavelmente encontrou no cartorio do mosteiro.

Em vista pois do que deixamos dito, parece-nos poder affirmar que os quadros não são de Vasco. Accresce que José da Cunha

Digitized by Google

Taborda, fallando das obras d'aquelle nosso celebre pintor, cita algumas de pequena monta, e não falla n'esta, que é nada menos do que uma galeria de 19 quadros.

O mesmo succede a Cyrillo Woldemark Machado, que sendo tambem assás minucioso, não cita siquer um dos quadros que existem no convento de Jesus, d'onde se podesse colligir que apesar de os não pintar positivamente para o mosteiro, os pintasse para outra parte e que d'ahi viessem para Setubal.

No meio de tudo isto, o que nos parece deu causa a que se inventasse tal balella foi Bermudes dizer (e com elle o segundo author supracitado) que Vasco em muitos de seus quadros seguiu a escóla allemã, e sendo os quadros allemães e coevos do pintor, alguem menos experiente e desconhecendo estas circumstancias, se lembrou de espalhar tal falsidade, dizendo serem de Vasco.

A nós certificou-nos pessoa competentissima, e um dos pintores mais distinctos da actualidade, que taes quadros não podiam ser de Grão Vasco.

VIII a pag. 50—João de Aboim

É um pequeno tributo de saudade ao nosso primeiro mestre, ao homem que sin-

Digitized by Google

ceramente nos estimou, e a quem devéras amámos, que nos obriga a dizer n'esta obra (já que circumstancias imperiosas nos privaram de acabar a biographia que começámos a escrever no *Correio de Setubal*, alguma coisa d'esse talentoso, mas infeliz poeta

João Corrêa Manuel de Carvalho e Aboim, fidalgo cavalleiro da casa real, foi filho segundo de Antonio Corrêa Manuel de Carvalho e Aboim, F. C. da casa real, alcaide mór de Cabrella, secretario da mesa da consciencia e ordens na repartição da Ordem de S. Thiago, e de sua mulher D. Juliana Rosa de Albuquerque, familia distincta pela nobreza de sangue e de caracter, e de que é hoje digno representante o meritissimo sr. Lourenço de Aboim, irmão mais velho do poeta.

Primeiramente resolveu-se a seguir a carreira na marinha de guerra, para o que assentou praça de aspirante a guarda-marinha em 5 de outubro de 1830.

Resolvido porém a deixar tal carreira, requereu baixa, que lhe foi dada a 12 de junho de 1834.

Cursou então differentes aulas, até que pela protecção do padre Marcos, arcebispo de Lacedemonia, foi feito secretario da bulla da santa cruzada.

Annos depois entrou como amanuense

Digitized by Google

de 2.ª classe, na repartição de fazenda, sendo mais tarde elevado á 1.ª classe, logar que exerceu até novembro de 1856, em que foi demittido por escrever o *Peneireiro*, jornal critico-politico contra a Regeneração.

Durante o tempo que esteve empregado, foi por motivos particulares servir na embaixada do Brazil.

Pouco tempo depois de ser demittido foi empregado no caminho de ferro de Lisboa a Cintra, em 1857.

Tendo esta companhia acabado, foi feito secretario da companhia Setubalense de illuminação a gaz. Dissolvida a companhia por decreto de 25 de agosto 1860, João de Aboim ficou sendo secretario do empreiteiro o sr. Luiz Louge; até que foi nomeado inspector, por parte do governo, na linha ferrea do sul do Barreiro a Setubal.

Exercia ainda este logar quando a morte infelizmente o arrebatou ainda na força da vida aos 25 de novembro de 1861, depois de uma lenta agonia, em que lhe velei á cabeceira, recolhendo-lhe o derradeiro suspiro.

Duas palavras (que nol-o não permitte mais o espaço de uma nota), sobre o seu caracter, e sobre as suas obras.

João de Aboim era homem perfeitissimo.

Digitized by Google

Tinha uma estatura elevada, fornido de carnes, mas esbelto; rosto cheio e córado, olhos azues, e cabello loiro.

Era affavel, e dotado de maneiras delicadas e distinctas; engraçado na conversação, salpicava-a de ditos espirituosos, vibrava o sarcasmo com a mesma placidez com que tecia o elogio, poeta eximio;

Que trovas elle cantava?
Tão sentidas maviosas
Todas da terra que amava
Todas da patria saudosas
Dos céos seu astro baixára
No sorriso d'um archanjo
A lyra deu-lh'a um anjo
Poeta Deus o fadou.

E fadou... era um poeta
E poeta portuguez
Do genio tocando a meta
Ai! que versos elle fez
E quem como elle cantou
D'America o anjo lindo
E quem taes loiros cingindo
Mais modesto se mostrou. [1]

[1] Estes versos são extrahidos de uma bella poesia feita á morte de João de Aboim, pelo seu amigo Manuel Maria Portella, distincto poeta setubalense. Sentimos não a poder publicar na sua integra. Cons-

Digitized by Google

João de Aboim foi tambem publicista distincto e timido. A pena era-lhe frexa, e os golpes que disparava batiam certeiros no coração do inimigo, ferindo-o sempre. O *Peneireiro* adquiriu uma fama, a que poucos jornaes tem attingido.

Sentimos não poder apresentar ao leitor em grandes traços, a fertil critica de João de Aboim. Os que mais algumas noticias sobre as suas obras queiram possuir, leiam o livro do sr. Lopes de Mendonça, intitulado: *Ensaios de Litteratura contemporanea*, 1.ª edição.

Não concluiremos, sem apresentar ao leitor a resenha das obras de João de Aboim, que saiu um pouco inexacta por falta de noticias, na monumental obra do sr. Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico*, precioso e notavel esforço de estudo, e saber humano.

Devancios poeticos—Lisboa, na Imprensa Nacional, 1849.

O livro da minha alma—Poesias, com uma excellente introducção, pelo excellente poeta brazileiro, Gonçalves Dias—Rio de Janeiro, typographia Lambert.

ta-nos porém que o illustro cultor das musas vae dar ao prélo as suas poesias, e ahi a poderá lêr, bem como outras ainda mais valiosas, os que amarem este genero de litteratura.

Digitized by Google

Saudades da minha terra — 2.º tomo das poesias de João de Aboim—Rio de Janeiro, na mesma typographia, 1850 (diz o illustre bibliographo que a edição d'este volume foi dada como uma *obra prima* da typographia de Bravat.)

Os meus ultimos versos — Com uma introducção por Lopes de Mendonça—Lisboa, typographia Lisbonense de Aguiar Vianna, 1854, 8.º grande de 242 paginas.

A' tarde entre a murta; alta comedia — Typographia do Panorama, 1858.

O recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto.

O homem põe e Deus dispõe, comedia em 2 actos.

As nodoas de sangue, drama em 3 actos.

Cada louco com a sua mania, comedia original em 1 acto.

Withelmina, pequeno romance de Paulo Foucher, traduzido do francez por João de Aboim—Editor, José Augusto Rocha—Setubal, typographia do editor, 1861.

Este romancesinho, traduzido por João de Aboim para satisfazer ao pedido do editor, seu amigo, foi a ultima obra em livro que elle publicou.

Emquanto aos jornaes, João de Aboim foi redactor principal do *Peneireiro*; redigiu no Brazil um jornal de theatro; collaborou em differentes jornaes de Lisboa,

Digitized by Google

e mais assiduo do *Portuguez*; correspondente algum tempo do *Braz Tisana*.

Em Setubal foi um dos redactores do *Cysne do Sado;* redactor principal do *Improviso*, começado a publicar a 2 de junho de 1859, e que acabou com o n.° 26, a... de dezembro de 1859.

Collaborou por algum tempo no periodico *O Curioso de Setubal*, aonde tambem collaborámos.

Foi redactor principal do *Correio de Setubal*, semanario, em que tambem tivemos a honra de collaborar com elle, desde o 1.° de julho em que elle se começou a publicar, até ao n.° 39 que saiu a 24 de março de 1861; este jornal existe ainda, contando já quasi quatro annos d'existencia, n'elle começámos a biographia do poeta de que ainda não perdemos a tenção de acabar.

Ha d'elle innumeras poesias espalhadas por alguns jornaes litterarios do paiz, *albuns*, etc., bem como correspondencia de Setubal, na *Epoca*, *Asmodeu*, *Portuguez*, etc.

Nota a pag. 64—O convento de madeira.

Parecerá exaggerado o dizer que D. João II mandou fazer o convento de madeira, tal como havia de ficar, para a cerimonia de lançar a primeira pedra,

Digitized by Google

pois não é; se dermos credito a soror Leonor, no seu livro a que por vezes nos temos referido, eis o que ella diz: «Armarão logo a capella mór com seu altar e dous no cruzeiro e assim a igreja choro tudo de madeira leuadiça, ficando tão formoso e forte como se fosse pedraria para sempre.»

Os nossos reis eram assim, com um capricho dispendiam ás vezes o que alimentaria por muito tempo milhares de seus vassallos, que se definhavam nos horrores da miseria!

Nota a pag. 83—Boabdil

Boabdil, Ali-Alcadurbil ou Abou-Abdallah; foi o ultimo rei mouro de Granada. Revoltou-se contra seu pai em 1482.

Aconselhado por seu sogro Alatar guerreou os christãos, mas foi tão infeliz que derrotado por estes, ficou prisioneiro dos soldados de Fernando d'Hespanha. Posto em liberdade, depois de ter concluido um tratado vantajoso para os christãos, teve que sustentar uma porfiada guerra civil. D. Fernando aproveitou-se d'esta lucta, para se apoderar de Granada, o que conseguiram suas tropas depois de apertado cerco.

D. Fernando deu ao rei Boabdil a her-

dade de Purchena no reino de Murcia, para elle ali residir.

O agareno, porém, não se contentando com tal estado, passou a Africa, aonde se fez matar combatendo pelo rei de Fez contra o de Marrocos.

D. Fernando depois da sahida de Boabdil expulsou do territorio hespanhol mais de 170:000 familias mouriscas, de modo que os musulmanos não ergueram mais a voz.

Assim acabou o poder mauritano que com Eben Tarik á sua frente, se precipitára das montanhas do Calpe, e como lava devastadora, destruira em quasi todo o territorio hespanhol a raça goda, depois de ter derribado o throno do rei Roderik; poder que pelo espaço de mais de sete seculos, com maior ou menor fortuna deu leis á Hespanha.

O leitor que nos desculpe a digressão que no texto vem, escripta com o intuito de tornar mais util este velumesinho Não é mais do que o ligeiro esboço d'um dos mais bellos quadros historicos da peninsula hespanhola.

Nota a pag. 89—Gandia.

Gandia é cidade de Hespanha no reino de Valença, situada nas margens do rio Alcoi.

Digitized by Google

Ha immensas opiniões, mas nenhuma de credito, ácerca dos seus fundadores. Sabe-se que foi tomada aos moiros por D. Jayme I, e povoada em 1253.

Foi erecta em ducado pelo rei de Aragão D. Martinho. Foi duque d'ella S. Francisco de Borja.

Tem varios edificios e principalmente bellos conventos e uma universidade.

Nota a pag. 102—Lista dos quadros

Os quadros que existem no mosteiro de Jesus e de que já fallamos, são os seguintes:—do lado do Evangelho, começando pelo que está mais proximo do côro que é S. Francisco recebendo as chagas—segundo, Annunciação—terceiro, Nascimento de Jesus Christo—quarto, Circumcisão—quinto, Adoração dos Magos—sexto, O Senhor com a cruz ás costas—setimo, A crucifixação.—Do lado da epistola, começando junto do côro . primeiro Santo Antonio, S. Francisco e Santo Agostinho—segundo, Degolação dos Martyres de Marrocos—terceira, Santas Theresa e duas companheiras, sendo abençoadas por um archanjo—quarto, A resurreição—quinto, Nossa Senhora da Piedade—sexto, Assumpção de Nossa Senhora.—Além d'estes ha dois mais pequenos no côro, que

Digitized by Google

são: A prisão—e A flagellação. Todos elles são bellissimos e acham-se mui bem conservados.

XIV.—D. Alvaro.

É facto historico, o ter D. Alvaro de Athaide voltado; o que não é verdadeira é a data do anno em que figurámos elle voltou, porque se ignora. Eis o que a tal respeito diz Ruy de Pina, na sua chronica de D. João II, a pag. 62:

«Mas D. Alvaro como da morte do duque de Vizeu foi avisado, fogio, e foyse pera Castella, onde andou em vida d'El-Rei. E porém depois per mercee e piedadade d'El-Rei Dom Manuel nosso Senhor foy a estes Regnos com sua honra retornado etc.

Não encontramos noticia alguma do fim de D. Alxaro, nem n'este, nem em outros escriptores cujas obras folheámos.

XXI a pag. 108—A destruição do convento.

Alludimos no texto ao vandalismo praticado com o mosteiro de S. João.

Se um dia nos sobrar o tempo havemos de escrever mais miudamente a historia do convento e do que lhe aconteceu.

Felizmente deu-se o contrario com o

Digitized by Google

Mosteiro de Jesus, que em vez de ser destruido deveu á generosidade d'um digno sacerdote, o mandal-o reparar depois do horrivel terremoto de 11 de novembro de 1858.

O nome de pessoa tão benemerita, que seria ingratidão olvidar, n'uma obrinha em que se trata mui especialmente do convento de Jesus; é o reverendo padre Francisco Ferro Estrafaz.

Sua senhoria a expensas suas fez avultadas obras no mosteiro, impedindo que elle se arruinasse de todo.

Acção grandiosa que tem em si mesmo o seu elogio.

Registamol-a aqui para o viajante que tendo por acaso lido o nosso opusculo, visite um dia o mosteiro, saiba que o deve antes á solicitude, zêlo e brios de um honrado sacerdote do que ao desempenho da obrigação de quem lhe competia mandar arranjal-o.

Sua senhoria que nos desculpe se ferimos a sua modestia, mas entendemos que superior a ella. está a necessidade de apresentar ao povo tão proficuos exemplos.

Digitized by Google

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
15	23	Semanario	Sanctuario
16	2	algum companheiro	alguma companhia
16	7	este	elle
18	7	da Ribeira	das Alcaçovas
37	18	no mosteiro	molesto
37	23	de	para
40	19	cincoenta e quatro	cincoenta e oito
41	14	25 de novembro	1 de novembro
50	12	nota 9.º	nota 8.ª
55	10	Santa Maria	Annunciada
55	14	Rocio de S. Caetano	rocio do sr. do Bomfim
55	14	de S. Caetano	a de S. Caetano
56	7	sul	sal
59	2	1490	1492
63	20	D. Diogo	D. Garcia
64	1	o segundō	o primeiro
64	23	nota 10.ª	nota 9.ª
69	6	dois	*tres*
77	12	um dos conjurados?	um dos canjurados, D Fernando da Silveira?
81	7	apenas da noute	e só de noite
83	21	nōta 9.ª	nota 11.ª
87	4	qne	quem
89	15	nota 10.ª	nota 12.ª
104	20	esculpir	esculpida
109	7	das	da
127	8	fertil	perfil.

Digitized by Google

OBRAS DO MESMO AUTHOR

PUBLICADA

O Rei e o Soldado, facto historico do reinado do Senhor D. Pedro V. Preço 120 reis.

PARA PUBLICAR

Os Domingos da Aldeia, obra elementar para as escólas.

Historia universal da Pedagogia (traducção).